

PERSPETIVA.

Fotografia. Arte. Natureza.

Jan/Fev 2023

Número #007

Intro.



Um novo ano fez questão de chegar, obrigando-nos a colocar no passado a agenda de 2022 e todos os papéis em que escrevemos e os que deixámos por escrever. Uma nova folha em branco olha-nos de frente e está na hora de gritar novas resoluções, daquelas para cumprir. E uma delas é, certamente, continuar a fazer esta revista e, quiçá, aumentar a sua qualidade, engrossando o seu conteúdo.

Nesta edição, conversei com a **Inês Leonardo**, uma fotógrafa que há muito admiro, pela sua sensibilidade, pelas suas imagens repletas de uma emoção que não fala alto, mas que não deixa de me interpelar de forma incisiva.

Nos artigos de opinião, o meu amigo **Nuno Luís** fala-nos da necessidade de **improvisar**, enquanto eu tento responder à pergunta “**porque fotografo**”. Já o **Ricardo Salvo** lança-se numa análise sobre o poder das redes sociais sobre a fotografia que vemos e produzimos hoje em dia. Serão mesmo um antro de perdição?

Nas secções destinadas ao trabalho de campo, o **Ângelo** leva-nos de regresso ao nosso único parque nacional, desta vez à zona de Pitões das Júnias. Já eu, levovos até aos campos floridos de Aire e Candeeiros para vos dar a conhecer uma das minhas paixões: as orquídeas silvestres.

Na secção 4:3 (em honra ao formato desta revista), onde todos podem e devem participar, apresentam-se os fotógrafos **Inês Valente**, **Luís Jesus** e **Vítor Santos**. É uma honra para mim recebê-los neste espaço e estou certo que os três vão elevar, e de que maneira, a qualidade deste número.

Finalizo com mais um livro da minha biblioteca, do inglês **David Ward**.

Aproveito para desejar a todos um feliz ano novo, cheio da melhor luz. A todos os níveis. E não deixem para o final do ano os propósitos a que se propuseram. Se puderem, despachem-nos já em Janeiro e assim terão um 2023 cheio de tempo para fazerem o que mais gostam, incluindo fotografar.

Esta revista é editada por **Luís Afonso**.

A reprodução total ou parcial, em qualquer meio, é estritamente proibida.

Os direitos de autor do conteúdo aqui apresentado permanecem com os seus proprietários, sendo o mesmo publicado com a necessária permissão.

Colaboraram nesta edição: **Ângelo Jesus**, **Inês Leonardo**, **Inês Valente**, **Luís Jesus**, **Nuno Luís**, **Ricardo Salvo** e **Vítor Santos**.

Revisão:
Miguel Serra

www.luisafonso.com
© Luís Afonso, 2023

Conteúdos.

01

p. 4-23

ENTREVISTA
Inês Leonardo

Nesta edição entrevisto a fotógrafa Inês Leonardo, dona de um olhar muito especial e atento às coisas mais íntimas da natureza. Descubra porque é capaz de se perder durante horas à volta de uma pequena flor e porque a Arrábida é dos locais onde mais gosta de fotografar.

02

p. 24-27

PONTO DE VISTA
Viagem ao Interior

A resposta à pergunta "porque fotografo" nem sempre é fácil. Mas como tinha prometido responder, aqui fica a história dos meus últimos anos como fotógrafo de paisagem natural. Durante esta viagem ao interior de mim talvez consiga chegar à tão ambicionada resposta.

03

p. 28-32

PONTO DE VISTA
O Escafandro

O Nuno Luís fala-nos da necessidade de improvisar e porque é perigoso agarrarmo-nos a fórmulas que estão cristalizadas na nossa forma de criar de forma instintiva. Se andarmos sempre a fazer a mesma fotografia, inclusive em sítios diferentes, viveremos para sempre num escafandro!

04

p. 33-35

GRANDE ANGULAR *por Ricardo Salvo*
Do Amor que Temos ao que Odiamos

Serão as redes sociais responsáveis pelo atual estado da Fotografia? E que estado será esse e como se reflete naquilo que vemos? Na sua coluna *Grande Angular*, o Ricardo conta, na primeira pessoa, como olha para o instagram e demais comunidades e como elas o ajudaram a chegar à fotografia que faz hoje.

05

p. 36-47

NO TERRENO
Aire e Candeeiros. Campo de Orquídeas Silvestres

Em Aire e Candeeiros podem ser encontradas mais de metade das orquídeas silvestres existentes em Portugal. Há uns anos decidi encontrá-las a todas e retratá-las. Essa história está agora em livro. Neste artigo, conto-vos um pouco dessa narrativa.

06

p. 48-60

SAÍDA DE CAMPO *por Ângelo Jesus*
Por Terras de Pitões

Nesta edição, o Ângelo leva-nos num passeio pelo Parque Nacional da Peneda-Gerês, mais precisamente pela zona de Pitões das Júnias. Como sempre, qualquer caminhada é boa para perguntarmos a nós próprios o que andamos a fazer com a nossa fotografia.

Conteúdos.

07

p. 61-63

POR DETRÁS DA IMAGEM
Diálogos, Moledo do Minho (2017)

Não há nada como as nossas memórias para nos transportar para um estado de transe que, muitas vezes, é amigo da criação. Foi o caso deste dia, em Moledo do Minho, a minha praia de sempre, onde passei todos os verões da minha infância. Se há local onde o meu amor pelas pedras nasceu, esse lugar é este.

08

p. 64-79

4 POR 3
Inês, Luís & Vítor

Nesta secção, tu és o protagonista. São quatro imagens, de três fotografos. Mas não são imagens aleatórias. São imagens com algo que as une e que se espelha no texto que cada um escreve para as acompanhar. Obrigado aos que, nesta edição, quiseram mostrar ao mundo um pouco da sua arte.

09

p. 80-83

TÉCNICA
Fator de Corte

Descobre como o tamanho do sensor influencia aquilo que a tua objetiva "vê" e como numa câmara APS-C a sua objetiva pode deixar de ser um 56mm para passar a ser uma 85mm.

10

p. 84-85

DA MINHA ESTANTE
David Ward, Landscape Within

Apaixonam-me pouco os livros puramente técnicos. Por outro lado, ensaios que pretendam deixar o leitor a pensar, constituem, para mim, portos de abrigo e jardins de revelações aos quais gosto de voltar vezes sem conta. É o caso de "Landscape Within", de David Ward.

11

p. 86

BLOCO DE NOTAS
Luís Afonso

Toma nota do que me vai manter ocupado nos próximos tempos e das diferentes oportunidades que iremos ter para fotografar ou aprendermos juntos.

Inês Leonardo.

Entrevista.



Inês Leonardo.

Planeamento não é consigo. Gosta de escolher um local e começar a caminhar, perdendo-se com o que encontra pelo caminho. Quando descobre algo que a apaixona, é capaz de ficar horas a fio, entregue à sua criatividade, até que alguém lhe diga “não te esqueças onde estás”. Adora o mundo das coisas pequenas e é dona de uma sensibilidade notável.

Entrevista por **Luís Afonso**. Fotografias de **Inês Leonardo**.

Quando é que a fotografia apareceu na tua vida? Queres contar-nos um pouco de como foi esse primeiro contacto?

A fotografia apareceu na minha vida quando eu tinha 14 anos, embora o gosto de fotografar só tenha aparecido dez anos mais tarde, por volta dos 24 anos. Entrei na Escola Artística António Arroio aos 14 anos, onde comecei o curso tecnológico de Design Gráfico. Durante esses três anos de secundário tive Fotografia e Fotomecânica como disciplinas e no primeiro ano de faculdade tive também a disciplina de Fotografia. Isto foi tudo na era da fotografia analógica, e, portanto, com filme e com todo o processo de revelação fotográfica na câmara escura. A fotografia era mais divertida e interessante do que a disciplina de Métodos Quantitativos ou Filosofia (risos), mas era apenas isso, mais uma disciplina. Na altura estava muito focada no design e

embora, por influência dos meus pais, sempre tenha tido um gosto muito especial pela natureza e por estar no meio natural. Naquela altura o meu tempo livre era investido à volta do design, de exposições ou de eventos, e de temas que envolviam a história da arte, como a pintura, a escultura ou a arquitetura. Não obstante, e já na faculdade, a disciplina exigia uma máquina. Na altura o meu namorado, atual marido, ofereceu-me a minha primeira máquina, uma Minolta Dinax 404si, que guardo até hoje. Só por isso ainda me lembro de qual o modelo.

O gosto por fotografar surgiu mais tarde, curiosamente depois de uma visita a Barcelona, onde fui visitar os vários monumentos da cidade. Tinha levado uma máquina “*point and shoot*”, do meu pai, e, no regresso a casa, depois de ver as fotografias, achei que precisava de uma máquina que me permitisse voltar com recorda-

ções de alguns pormenores ou de algo que tinha visto e que não consegui captar. Já tinha sentido isso durante as minhas caminhadas na natureza. Olhando para trás, provavelmente a culpa não era só da “simples” máquina, mas foi isso que me fez querer mais da fotografia. Daí até unir o gosto pela fotografia ao gosto pela natureza foi um pequeno passo e a máquina passou a acompanhar-me nas caminhadas e passeios pela natureza, deixando, de uma forma quase inconsciente, de fazer parte dos restantes passeios.

O que representa para ti a fotografia? Consegues estar muito tempo sem fotografar? O que é mais importante, estar na natureza ou fotografá-la?

Para mim a fotografia representa várias coisas. Um hobby, uma terapia, uma paixão, um vício. Pode representar um momento que tem um sig-

nificado para o resto da vida, ou até mesmo um significado instantâneo que se esbate antes mesmo de ser transferido para o meu disco. De qualquer das formas, é uma parte muito importante da minha vida e por isso não consigo estar muito tempo sem fotografar. Aqui o “muito tempo” pode ser relativo ou subjetivo. Costumo fotografar praticamente todos os fins de semana e, por essa razão, aqueles em que, por qualquer motivo não o possa fazer, já não fico confortável. Não só porque não fotografei, mas porque não fui para o “mato”.

O que é mais importante para mim? É uma pergunta difícil. Se não for por compromisso profissional, só fotografo se estiver na natureza. Mas consigo estar na natureza sem fotografar porque, por vezes, a máquina nem sai da mochila. Por outro lado, ela tem de ir sempre comigo. Acho que as duas coisas são igualmente importantes. Se hipoteticamente, por alguma razão, tivesse de deixar de fotografar a natureza, acredito que continuaria a fotografar. Mas não sei se sentiria a mesma felicidade.

Não te vêes então fotografar outro tipo de sujeito para além da natureza?

Como referi, quando comecei a fotografar, os meus temas eram mais abrangentes. Houve inclusive uma fase da minha vida em que fiz fotografia de casamento de forma profissional e, num outro momento, também estive envolvida num projeto de fotografia de sessões de família. Foram experiências, das quais não me arrependo e com as quais aprendi, mas que não me entusiasmavam em termos de expressão pessoal. Hoje em dia, por questões profissionais, tenho de fotografar alguns eventos, os seus participantes e os edifícios ou locais onde os mesmos

acontecem. Posso fotografar, ocasionalmente, a minha sobrinha a subir às árvores ou em festas de aniversário e, por vezes, as minhas gatas. Mas tirar realmente prazer da fotografia, só quando fotografo na natureza. Se me perguntares, daqui a um mês, ou daqui a um ano, admito que a resposta possa ser diferente, embora acredite que não.

Encontro na natureza uma beleza e uma procura por respostas que me atrai e que não encontro em mais lado nenhum. Não me interpretes mal, a humanidade é capaz de construir relações e obras de extrema complexidade e beleza, mas na natureza, há algo que me faz sempre querer ver mais, conhecer mais. E esta curiosidade constante faz parte da minha personalidade, assim como da minha fotografia. Outros sujeitos, acredito que tenham igualmente a capacidade de gerar os mesmos sentimentos. Mas não em mim.

Não vou cair no erro de dizer que só procuro a natureza sem “influência humana”. Muitos dos percursos que faço estão ali por influência humana e os locais que visito, ou as florestas que percorro, sofrem da influência e presença humana. Desde que estamos na Terra, arrisco-me a dizer, tudo é tocado pela mão humana. Não devemos tirar da equação o ser humano, pois ele também é natureza. Mas, ainda assim, no meio de todo este mundo que muda, evolui e se adapta, uma orquídea, por exemplo, consegue crescer de forma simples, alheia a tudo isto. Essa simplicidade, no meio de toda esta complexidade, fascina-me. É com tristeza que penso que um dia possamos perder tudo isto.

Por vezes, aparecem nas minhas fotografias estruturas humanas. Pode ser um edifício, uma



Ophrys lutea.
Serra da Arrábida, 2022

Pág. seguinte:
Serra da Arrábida, 2021

cerca ou um barco. Em muitas outras ocasiões em que estou a fotografar, essas estruturas estão lá mas, na maior parte das vezes, prefiro não as incluir. Não quero com isto dizer que não tenha curiosidade de conhecer ou fotografar determinados locais. Mas se me perguntares onde prefiro estar com a máquina, sem dúvida, na natureza que aparente ser o mais intocada possível.

Outras das razões que me fazem preferir fotografar a natureza são o silêncio e o isolamento. Preciso disso para fotografar. Necessito dessa abstração que, feliz ou infelizmente, não tenho

capacidade de alcançar retratando pessoas ou com essas pessoas à minha volta. Embora o meu marido me acompanhe sempre nas caminhadas e viagens, consigo alcançar esse sentimento de isolamento ao lado dele. Há, no entanto, uma frase que ele diz algumas vezes, que me tira desse estado e que, ao mesmo tempo, reflete bem aquilo que quero referir: “não te esqueças onde estás”. Ouço apenas esta frase, quando estou em alguma situação mais arriscada, mas é exatamente o que acontece quando estou embrenhada no processo criativo. Esqueço-me onde estou. E não consigo esquecer onde estou quando tenho ruído ou pessoas à minha

volta.

Se faço melhores ou piores fotografias? Não sei, mas é um processo do qual retiro muita gratificação.

Em que locais mais gostas de procurar esse silêncio? Que é como quem diz, onde gostas mais de fotografar?

Gosto muito da montanha, por inúmeras razões. Gosto igualmente do ambiente fechado das árvores, onde em cada “esquina” se encontra algo diferente. Gosto do sentimento de me sentir insignificante perante uma natureza gigantesca e da solidão. Gosto de caminhar e explorar cada recanto que aparece e da surpresa que sinto, sempre que algum pormenor me chama a atenção: uma planta, um inseto ou um conjunto de formas ou cores. Gosto especialmente de zonas onde os rios e ribeiras atravessam as serras. São sítios que borbulham de vida, de sons, tonalidades e oportunidades fotográficas, que proporcionam aqueles momentos de abstração que tanto gosto.

Embora adore viajar e conhecer sítios novos, passo muito do meu tempo livre na Serra da Arrábida. Fica perto de onde moro. E não é por ser uma velha conhecida que deixa de me surpreender. Consigo ainda, encontrar paisagens novas. Por vezes, ainda consigo perguntar: “Como é que nunca vi aquilo?”

É decididamente um dos sítios onde gosto mais de fotografar, porque acaba por ser um escape do dia a dia, quer para caminhar, quer para fotografar. E é como uma amiga de longa data que ainda tem muitos segredos por revelar.



Existem outras zonas do país que gosto muito. Não me perguntes porquê, mas adoro a Lousã. Se tivesse que morar noutra local do país, seria a minha primeira opção. É aquele sítio onde volto sempre. E mesmo que vá a caminho de outro local, se tiver que fazer um desvio só para lá ir, faço-o. Se faço boas fotografias na Lousã? Digo já que não. Nunca consigo trazer de lá uma fotografia que adore. Mas adoro lá estar, fotografar, caminhar e regresso sempre que possa, traga ou não fotografias que goste.

Diz-nos então um ou dois sítios na Arrábida que sugiras irmos, com coordenadas e tudo onde deixar o carro.

É difícil escolher, mas como é para ti, sugiro que deixes o carro nestas coordenadas, 38.460389, -9.023306. Estarás junto ao sopé da Serra do Risco, uma das serras do Parque Natural da Arrábida. De um determinado ângulo assemelha-se a uma onda. Com o píncaro do Risco à tua frente, podes descer e fazer um percurso circular, contornando a planície que te levará por zonas de vegetação distintas. Durante este percurso poderás encontrar, nas alturas certas do ano, diferentes espécies de orquídeas. Se quiseses andar mais um pouco, podes tomar o percurso que te levará às Marmitas do Gigante. Escondidas num vale, as marmitas são fenómenos erosivos sobre as rochas, que formam depressões circulares. Por estarem na “minha” Arrábida, garanto-te, estas são impressionantes.

Se te sentires com energia, convido-te a subires ao pico da Serra do Risco. Talvez até nem faças nenhuma fotografia durante a subida, um pouco exigente. Chegado lá acima, talvez nem tires a máquina da mochila. Mas lá no topo, com os 380 metros de escharpa a pique até ao

mar aos teus pés e o azul infinito do oceano à tua frente, recorda as palavras que peço emprestadas a Sebastião da Gama, e para as quais, aqui se inspirou: “A serra tem o ar de uma onda que avança impetuosa e subitamente estaca e se esculpe no ar; é uma onda de pedra e mato, é o fóssil de uma onda”.

Como nasce uma fotografia da Inês? Conta-nos o que acontece desde que saís de casa até que ela esteja pronta.

Quando fotografo aqui na Arrábida, perto de casa, só quando me sento no carro é que decido para onde vou. Mesmo no caminho, posso mudar de opinião, ou porque vejo uma neblina que pode ser interessante, ou porque me lembro de algum local que não visito há algum tempo. Quando chego, ponho a mochila às costas e vou caminhando. Normalmente, não tenho um percurso pré-definido; tomo um caminho ou outro conforme a vontade que surge na altura. À medida que vou caminhando, procuro algo que me chame a atenção. Seja uma flor, uma aranha ou uma paisagem. Gosto muito de experimentar e sou capaz de estar muito tempo à volta do mesmo assunto, fazendo várias imagens. E à medida que vou fotografando a mesma coisa, vou experimentando. “Brinco” com outros elementos que estão no local, como outras árvores, plantas ou flores, incluindo ou excluindo do enquadramento, aproximando ou afastando da objetiva. Dependendo do que estou a fotografar, posso fazer experiências com o balanço de brancos ou sub-exposições, movimento intencional da câmara e múltipla exposição. No fundo, gosto de experimentar e de “brincar”. Quando sinto que consegui registar aquele assunto de uma forma que gosto, ou quando esvaziei as experiências, continuo a

caminhar à procura do próximo assunto que me chame a atenção.

Muitas vezes só sei se a fotografia “está pronta”, muitos dias ou meses depois. Sim, meses. Tenho muitas fotografias no meu disco, feitas há meses e que estão a um passo de ser processadas e estarem prontas. Ou, se calhar, nunca estarão.

As que estão prontas, são aquelas que decidi ver, processar e que dias ou meses depois ainda mantêm o significado do que quis fotografar.

As tuas fotografias nascem assim de forma espontânea. Nunca levas uma fotografia pensada de casa?

Acredito que o planeamento seja muito vantajoso e que faça uma grande diferença no resultado final de uma fotografia. Mas não é para mim... Para além de não ser disciplinada o suficiente, esse planeamento iria roubar-me um dos aspectos mais importantes: a descoberta, a exploração do inesperado, o alcançar daquela abstração que tanto gosto. Mesmo quando fotografo mais longe de casa, em que é necessário um determinado nível de planeamento, ou uma escolha dos locais a visitar, nunca levo uma fotografia ou a ideia de uma fotografia específica na cabeça.

No entanto, já saí de casa com a ideia de encontrar determinada espécie. Fiz isso, algumas vezes este ano, na “época das orquídeas”. É, até hoje, o único sujeito que me faz ir, de propósito, à sua procura, sendo por isso importante ir para determinado local ou locais. Mas mesmo aí, muitas vezes me “perco” com outro qualquer assunto ou assuntos que aparecem e se tornam

prioritários para mim.

Como sabes adoro orquídeas. O que é que elas fazem em ti para serem o único sujeito que te faz ir de propósito ao seu encontro?

Já as tinha encontrado e registado diversas vezes durante as minhas caminhadas. Achava-as lindíssimas, complexas e intrigantes. Foi, no entanto, quando recebi como oferta um livro de

orquídeas, que aprendi muito sobre elas e fiquei fascinada com as suas características, evolução e estratégias de sobrevivência. Aprendi ainda, que quase metade das espécies portuguesas existem na Serra da Arrábida. E assim surgiu a “orquídeamania”. O facto de ir à sua descoberta, como quem procura tesouros, aguçou a minha curiosidade. Tudo isso serviu de alimento para esta obsessão.

Qual é o destino das tuas fotografias? Ou seja, qual o seu propósito?

Fotografo para mim, edito para mim, mas publico para os outros. Retiro muito do ato de fotografar na natureza, com o propósito de tirar satisfação, apenas para mim. Quando publico, faço-o para mostrar uma pequena percentagem daquilo que fotografo. Gosto de partilhar aquilo que registo, que admiro e que, no final, resultou



Cephalanthera longifolia.
Serra da Arrábida, 2022

numa imagem satisfatória. Quando digo partilhar, é apenas na rede social instagram, que é a única onde partilho fotografia. E quando partilho o que gosto e os outros gostam de volta, isso faz-me feliz. Não deve ser esse o objetivo último, nem o é para mim, mas, quando acontece, é gratificante.

Tenho também algumas fotografias minhas impressas, nas paredes da minha casa, e pretendo pendurar mais umas quantas, mas confesso que quando faço fotografia, não tenho esse propósito em mente.

Qual a tua objetiva favorita e porquê?

A resposta depende muito do contexto ou do assunto. Se me fizesses esta pergunta há cerca de três anos diria, sem hesitar, a macro 100mm. Gosto de fotografar paisagem e aves, mas o pequeno mundo é aquele que mais me atrai. Captar os detalhes de um pequeno louva-a-deus, de uma orquídea ou de um cogumelo deixa-me sempre surpreendida e com a tal vontade de registar mais, experimentar de outras formas, de outros ângulos. No entanto, desde que adquiri uma 70-200mm, posso dizer que tenho dois amores. Com esta objetiva fotografo detalhes da paisagem, mais interessantes, na minha opinião, do que a grande paisagem. Pode ser uma parte de uma montanha, ou apenas parte de uma árvore. Ganhei um gosto por registar apenas a parte de um todo. Daqui a um ano, voltas a fazer-me essa questão e logo te conto se tenho novos amores.

O teu pós-processamento é muito "sóbrio", bonito, sem se notar, mas fazendo-nos saber que está lá. Como o abordas e que ferramentas usas?

Houve uma altura em que investia muito mais tempo no pós-processamento. Hoje em dia, não o faço. Tento que a “edição” seja mínima. Não estou com isto a menospreza-lo. Esse processo é tão importante como fazer a fotografia e admito que pode até consumir mais tempo que o ato de fotografar. Se o faço com a mesma alegria com que fotografo? Não. Atualmente, uso apenas o Adobe Camera Raw (ACR), finalizando a imagem no Photoshop. Em termos de processamento e, com algum humor, roubo o pensamento do Sociólogo Ulrich Beck: “pensa globalmente, age

localmente”. Uso muito as ferramentas de ajuste local para processar. Dependendo da imagem que estou a tratar, posso ajustar a exposição, a cor, a saturação e até a nitidez em determinadas áreas da fotografia ou do assunto “principal”. Não quer dizer que não faça ajustes globais, iniciais ou finais. As fotografias de paisagem ou “grande paisagem” são as que me consomem mais tempo. Tento nunca abusar. Por vezes, sinto a necessidade de deixar ali a fotografia no ecrã a “marinar”, vou beber um café ou fazer outra coisa qualquer e volto a olhar para a ima-

Serra da Arrábida, 2021



gem depois, para confirmar se o que fiz, continua a fazer sentido.

De há um tempo para cá, antes de publicar as fotos no instagram, coloco-as numa moldura branca. Há muitos fotógrafos que o fazem e isso faz todo o sentido. Para além de a fotografia “respirar”, pode ser vista de uma forma mais “limpa”, sem uma intromissão forte do que está à volta que, inconscientemente ou não, como em tudo na vida, altera sempre a forma como percebemos as coisas.

Há algum ou alguma fotógrafa que te tenha influenciado ou continue a influenciar? E, por falar em fotógrafas, pois eu sei que tu fazes parte de um grupo de mulheres fotógrafas internacionais, achas que as mulheres têm uma maneira de ver diferente ou nem por isso?

O grupo de que falas foi criado por uma fotógrafa das ilhas Maurícias, a Stephanie Manuel, que, apenas por amor à fotografia, convidou fotógrafas de todo o mundo, algumas bem reconhecidas, para fazerem parte do seu projeto. A Stephanie criou um site e desenvolveu as redes sociais em torno do projeto, bem como ligações e parcerias com revistas e outros grupos. Sempre com enorme esforço e dedicação. Mas como sabes, bem melhor que eu, manter um projeto nem sempre é fácil e, como em tudo, só o amor não chega. E, talvez por isso, este grupo está parado. Foi muito bom fazer parte do mesmo, por toda a partilha que existiu.

Relativamente ao género por detrás da fotografia, não concordo que haja uma maneira diferente de ver entre homens e mulheres. Existem maneiras diferentes de ver e ponto final.

Existem muitas fotografias que me inspiraram e inspiram todos os dias. Também existem fotografias que admiro muito, mas não me inspiram. Algumas destas imagens, nem retenho o autor ou autora, mas posso referir o nome de algumas mulheres e homens que, ao longo destes anos, me inspiraram, como o Bastien Riu, Henrik Spranz, Misja Smits, Myriam Dupoy ou a Sandra Bartocha, entre outros nomes internacionais, mas também nacionais, que nem vou referir para não cair na indelicadeza de deixar alguém que admiro de fora.

Se nos encontrássemos num café e não pudessemos falar de fotografia, falaríamos de quê?

Pedia-te uma exceção para te agradecer a oportunidade desta entrevista e por poder falar da minha fotografia. Posteriormente, não sei do que falaríamos. Posso-te dizer que dificilmente falaria de gastronomia ou de futebol. Do que sobra, escolhe tu o tema que eu escolho o café.

Pode encontrar a fotografia da Inês na sua página de instagram: **@inespleonardo**

Inês Leonardo.

Portefólio.



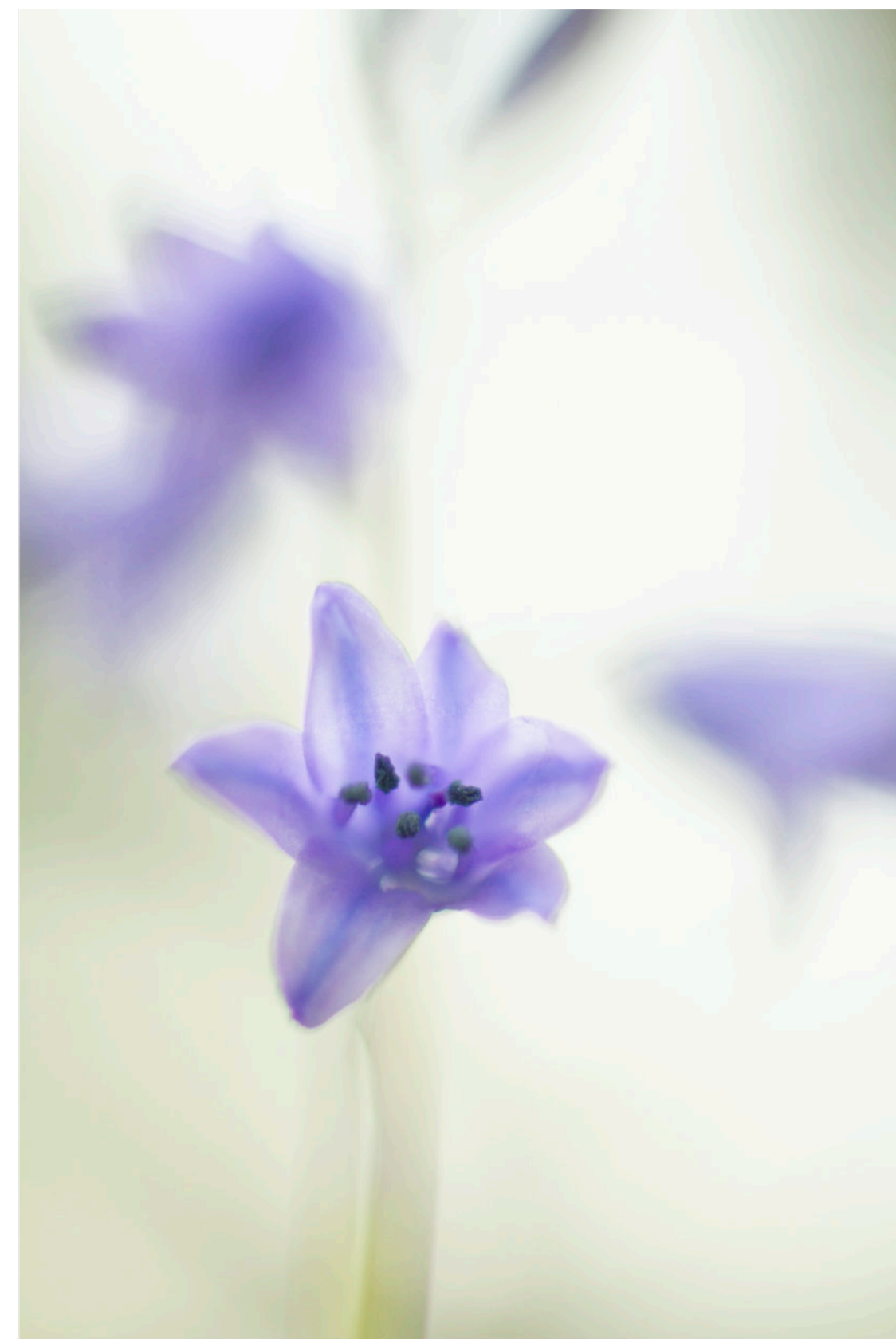
Noruega, 2019



Áustria, 2022



Maios. Serra da Arrábida, 2021



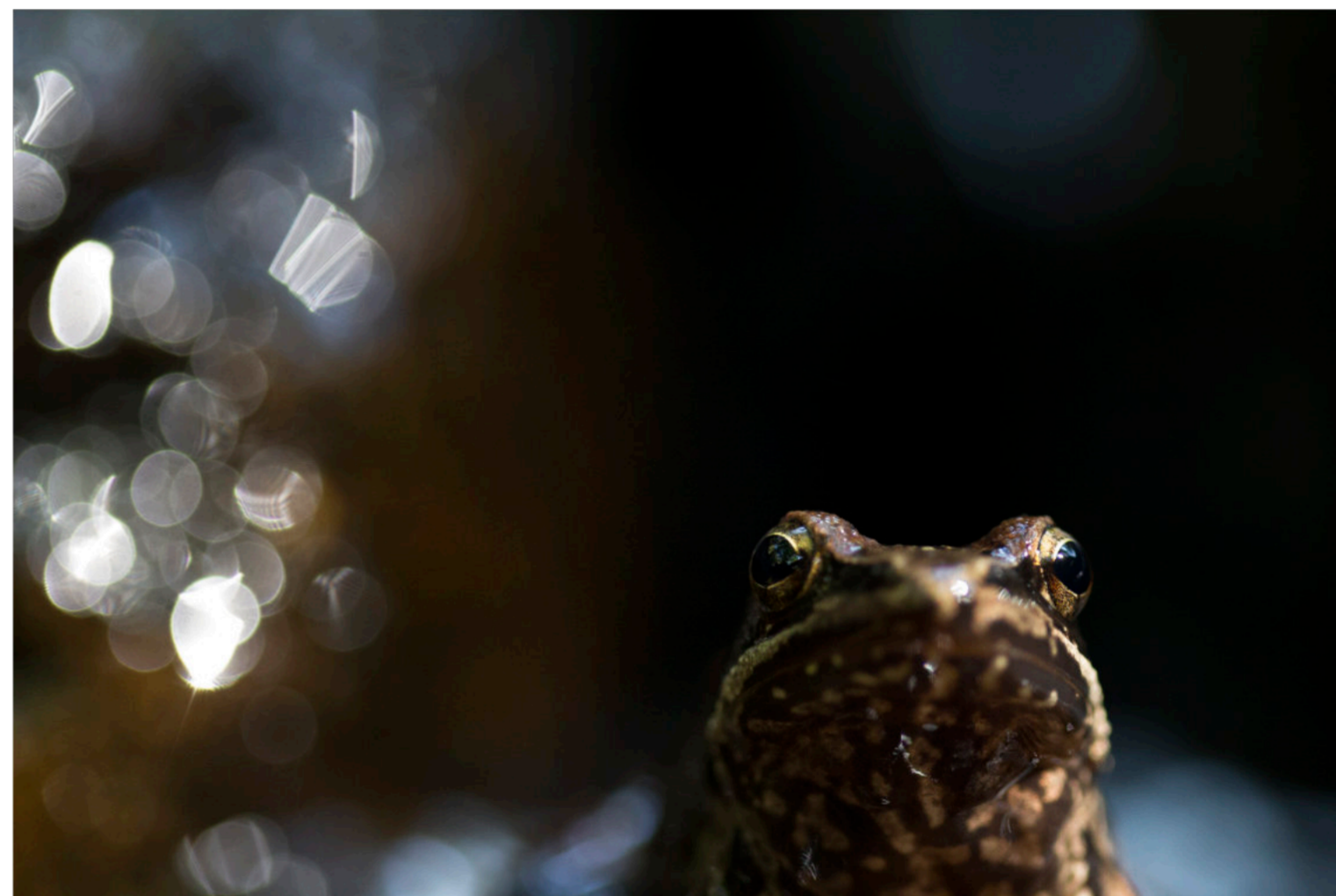
Jacinto-dos-campos. Serra da Arrábida, 2021



Serra da Arrábida, 2021



Serra da Arrábida, 2021



Serra da Lousã, 2017

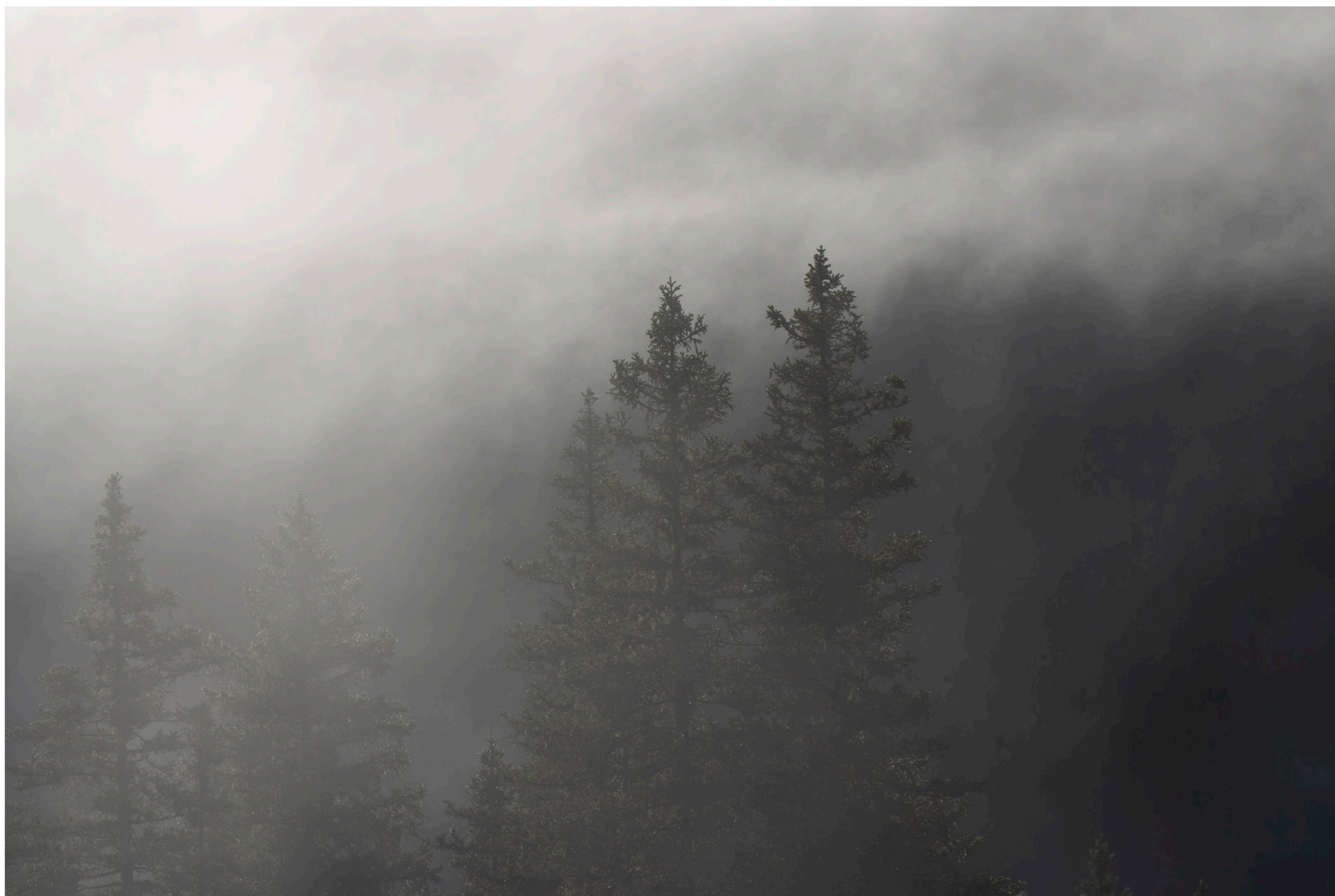
Pág. seguinte:
Serra da Arrábida, 2019





Estuário do Sado, 2019

A fotografia desta pequena formiga foi feita num dos locais que também visito muito, o estuário do Sado. De vez em quando, dou por mim a observar carreiros de formigas. Pode parecer estranho, mas é algo que faço desde pequena e não é nada monótono. É, aliás, capaz de provocar diversos sentimentos. É, com curiosidade, que as vejo trocar informações com as suas antenas. Sorrio quando, aparentemente, sem perceberem, cada uma puxa o mesmo alimento para o seu lado, ou quando, no topo de uma “montanha” de areia, algo faz a formiga resvalar ou perder o seu “tesouro”. Fico com uma certa pena, quando uma rajada levanta a pequena semente, levantando também a formiga, colocando-a mais longe do ninho. Foi durante uma dessas observações que coloquei a câmara apoiada no chão, em frente ao carreiro. Depois, foi vê-las passar, registando alguns dos momentos.



Áustria, 2022

A história desta fotografia, feita na Áustria, começa no dia anterior ao seu registo. Nesse dia queríamos fazer um percurso pedestre que nos levaria a passar por Seebensee, um lago natural de alta montanha. Preferimos não usar o teleférico que nos pouparia os iniciais 2,5 km. Quando começámos, de manhãzinha, para evitar os outros caminhantes, olhávamos para o céu e ameaçava chover. Olhámos para a subida à nossa frente, para o céu, para a subida novamente e resolvemos arriscar. Cerca de 30 minutos depois, o inevitável aconteceu. Começa a chover copiosamente e as nuvens fecham-se sobre as montanhas à nossa volta. Como somos teimosos, continuámos. Mas, só mais 30 minutos. A chuva fez-nos rir bastante, enquanto dizíamos algumas coisas disparatadas, mas não víamos praticamente nada e eu já tinha receio de tirar a máquina da mochila. Hora de voltar para trás, para voltarmos no dia seguinte. E, nesse dia, a paisagem já podia ser admirada, com a neblina e o sol da manhã a dançar entre as paredes de rocha e as árvores.



Serra da Estrela, 2022



Serra da Estrela, 2021

Pág. seguinte:
Serra da Arrábida, 2021





Cascata da Cabreia. Sever do Vouga, 2020

Viagem ao Interior.

“Sê tu próprio. Prefiro, muito mais, ver algo, ainda que desajeitado, que não pareça o trabalho de outra pessoa.” ~ William Klein

Texto e fotografias por **Luís Afonso**.

A minha viagem, pelo universo da fotografia, começou, em 1995, nos tempos da universidade, pela mão de um amigo que tinha transformado uma das divisões da casa onde vivíamos numa câmara escura. Às vezes, “roubava-lhe” a Cosina e fazia umas fotografias, que depois ampliávamos a preto e branco. Nessa altura, pouco ou nada sabia sobre fotografia e eram nulas as aspirações à criação de algo artístico. Para mim, a fotografia não passava de uma brincadeira com algum glamour.

No meio de todo este acaso, a única característica de personalidade centrava-se nos objectos que escolhia para fotografar: interessava-me a cidade, as pessoas e a relação entre estas e o meio urbano que as abraçava. Surgiu assim o gosto pela fotografia de rua.

Nos nove, dez anos seguintes, fui crescendo na capacidade técnica de fazer fotografia. Aberturas, profundidades de campo, funcionalidades da câmara, tudo isto eu fui dominando para que pudesse ilustrar aquilo que via, mas muito

pouco daquilo que sentia. Através da partilha e da participação em comunidades fotográficas na internet como o *TrekEarth* e o *1000Imagens*, a componente estética ia-se aprimorando e os comentários positivos que recebia foram-se sucedendo. Enquanto as imagens que ia produzindo fossem esteticamente interessantes, tecnicamente corretas e, acima de tudo, bem recebidas, pouco mais importava...

Em 2006, comecei a fotografar paisagem natural. A panóplia de equipamento que possuía foi crescendo, durante a viagem, e para além de me manter estranhamente feliz sempre que um novo *gadget* nascia na mochila, possibilitava-me experimentar novos mundos, novas perspetivas, novas piruetas técnicas. Foi tempo de começar a explorar a natureza: locais belíssimos, de maior ou menor dificuldade de acesso, a horas que alguém batizou de mágicas. Aplicavam-se as “fórmulas” apreendidas na irmandade da paisagem natural – das longas exposições, à rocha no primeiro plano, aos céus nublados de cor intensa – e garantia-se que o histograma era exposto à di-

reita. Sempre sem estoirar...

Das pessoas para as montanhas, da rua para a praia, das praças para as florestas, o cenário mudou, mas o objetivo de fazer fotografia era o mesmo: a ilustração da realidade que se deparava perante mim, a procura “daquela” fotografia, a construção de imagens bonitas que gerassem interesse em quem as via. Cada vez que saía para fotografar tinha que publicar algo e os “gostos” alcançados por essa publicação eram escrutinados ao segundo.

Como em todas as viagens, chegamos a um tempo em que temos de definir claramente o nosso destino. Já não chega simplesmente navegar sem rumo e ir parando e voltando a entrar onde nos apetece e com quem nos apetece. Há um momento em que o acaso já não é suficiente para nos fazer continuar. E o interessante é que essa hora aparece, normalmente, quando viajamos sozinhos e temos tempo para pensar.

E é aí que começa a admirável viagem ao interior de cada um de nós.

Nesta minha viagem houve três frases, de três amigos, que me fizeram parar e descer do comboio. Paragens que serviram, cada uma a seu tempo, para mudar o rumo da minha fotografia para um admirável novo destino: o da subjetividade da criação artística.

A primeira foi proferida por um amigo, fotógrafo e companheiro de projeto de formação. Uma frase que continuo a ouvir recorrentemente. Ao olhar o portefólio de um dos mais venerados fotógrafos americanos de paisagem da atualidade dizia-me: “Não tenho dúvidas, se lá estivéssemos, também seríamos capazes de fazer as mesmas fotografias”.

Ao colocarmos demasiada importância nas ferramentas que usamos e nos aspectos técnicos e estéticos da fotografia, limitamo-nos a ser meros registadores da beleza de um local. Somos admiradores passivos da paisagem, observadores da beleza e do drama que se desenrola perante o nosso olhar.

Se seguirmos essa linha de pensamento e tivermos a sorte de estar no local certo, na hora certa – ou se passarmos horas à espera que essa sorte surja, pois a sorte dá muito trabalho... –, quando as condições de luz vestem de gala a natureza, por certo conseguiremos gravar imagens de rara beleza. Nós e todos os que tiverem a sorte de estar ao nosso lado nesse momento. Seremos fotocopiadores da natureza em todo o seu esplendor, deixando de lado a imaginação e a subjectividade pessoal. Seremos ilustradores e nunca artistas, pois não tomamos parte ativa na criação de uma narrativa dos objectos que deci-

dimos fotografar.

Outra frase que ouvi de um amigo fotógrafo a quem recorro muitas vezes para uma crítica mais assertiva (daquela que te reduz a trapos, sem rodeios) foi: “Não gosto desta tua fotografia, pois sei que foi tirada à beira da estrada”.

Tenho a certeza que também ele mudou e hoje, certamente, não diria isso mas, para além da veneração pela luz dourada e pelas regras do cânone paisagístico, há uma corrente de fotógrafos para quem a fotografia só conta se envol-

“Abrigo”. Rio Coa, Sabugal. 2022



ver dezenas de horas de caminhada, pernoita em locais de frio intenso, subidas a trilhos vertiginosos e outras atividades mais ou menos radicais que envolvam um certo grau de dificuldade.

Se não é selvagem, não conta como natureza.

Lembro-me de há uns tempos ter visto um vídeo *making-of* de um fotógrafo onde as rajadas de vento eram tão grandes que o tripé quase voava. E ele estava ali, lutando contra os elementos para fazer a imagem perfeita. No

final, a fotografia já editada, para além de abertura, velocidade e ISO tinha também uma grande dose de adrenalina à mistura. Relatos como este, a contar os sacrifícios que são precisos fazer para captar uma determinada imagem, fazem as delícias de todos nós. E qual será o objetivo? Elevar o valor intrínseco da fotografia? De quem está por detrás da câmara? Mas, uma vez mais, onde está o processo criativo – um requisito fundamental para a existência de arte – no meio de todo este frenesim? Onde está a criação de algo que apenas vive na mente de quem está por detrás da câmara e que nunca existirá se essa pessoa não estivesse ali? Porque é que uma fotografia feita à beira da estrada, onde o fotógrafo, na sua interioridade, decide criar algo que de outra maneira nunca existiria, tem de ter menos “valor” do que uma fotografia feita no topo do Everest...?

Finalmente, a terceira frase foi partilhada há vários anos por um grande amigo que, não sendo fotógrafo, é apreciador de várias manifestações artísticas, sendo ele próprio músico e poeta. Dizia então: “As tuas fotografias são iguais às de todos os teus pares... Têm todas o mesmo aspeto”.

Embora a sua frase não deva ser entendida à letra, aquilo que ele queria dizer foi fundamental para marcar um entroncamento na minha viagem e para marcar um novo destino: a Arte.

Como todos sabemos, não é raro encontrarmos grupos de fotógrafos a competir pela melhor imagem de um mesmo e conhecido local. Aliás, a proliferação de *sites* de concursos fotográficos explica o sucesso desta abordagem. Mesmo que essa sua “nova” imagem seja igual a centenas de outras já registadas. Captar “aquele” local

debaixo das condições perfeitas é sinónimo de beleza garantida, reconhecimento (e de muitos *likes* nas redes sociais) e de alguns títulos do melhor fotógrafo do mundo. Como é óbvio, não há nada de errado nesta abordagem. Tal como não há nada de errado em ver um filme todas as sextas em família, ou comer todas as quintas cozido no nosso restaurante favorito. É extremamente confortável continuar os sucessos do passado, ser fiel aos métodos que nos são familiares, ter um estilo que, não sendo próprio, é o nosso.

Mas para alguns, eu incluído, isto é como seguir viagem vendo recorrentemente a mesma paisagem.

Porque fotógrafo?

Decidi escrever este artigo, não só para contar como cheguei até aqui, mas também para responder a uma pergunta à qual prometi uma resposta: o que me faz sair de casa para fotografar.

Principalmente por duas razões. A primeira tem a ver com esta viagem e pelos caminhos por onde decidi seguir há alguns anos, rumo a paraens onde a criação de algo único e a subjetividade imperam. Como eu costumo dizer, eu quero que as fotografias que faço e publico sejam sobre esta pedra ou esta árvore, em vez de serem desta pedra ou desta árvore em particular.

Eu quero usar os elementos naturais para contar a minha história, contar aquilo que quem está ao meu lado a fotografar não veria se eu não estivesse lá e não lhe tivesse mostrado no LCD da minha câmara.

Em resumo, quero ser a peça central na criação da minha fotografia e gostava que quem dela desfruta possa perceber quem eu sou (ou pelo menos o que quero mostrar) através dela. Não é a beleza dos locais que eu quero mostrar: é a beleza que eu vejo nos locais que me interessa colocar diante de vós. E essa beleza, vista por mim, pode ser feia aos olhos de outra pessoa. Não tem mal nenhum. Felizmente, nem todos vemos as coisas da mesma maneira.

Esta procura pelo “eu” na natureza explica a segunda razão pela qual fotografo: a vivência dos locais e a relação que com eles experimento no ato da criação. Falo recorrentemente sobre isso, de como os lugares só fazem sentido quando os experimentamos, quando são companheiros de longa data e não apenas parceiros de ocasião. É esta sede de criar entre eles, de estar com eles, de os procurar para saber como estão e de como os posso retratar das mais diversas maneiras, sempre respondendo aquilo que a experiência naquele momento tem para exercer no meu processo de criação.

Tudo isto parece ser muito egoísta, uma vez que se centra muito à volta do eu. Mas não há outra forma de se fazer arte, de ser-se único e genuíno. A arte existe para elevar a nossa existência, para lhe dar significado. Se eu pretendo dar significado à forma como vivo a natureza, então não há como escapar do eu e da relação holística que mantenho com ela e com a arte. Se assim não fosse, faria realmente pouco sentido dedicar tanto tempo e tanto esforço a fazer fotografia.

A maior recompensa que retiro de tudo isto reside no contentamento obtido quando consigo criar algo novo. Quando consigo ser apenas eu,

pensar como eu, criar como eu. A arte dá-me a oportunidade de me expressar como indivíduo, de partilhar respostas que consigo entender, mas dificilmente explicar. Como num sonho... E mais do que qualquer prémio, que qualquer reconhecimento, é este prazer de estar nos lugares a criar algo que me é íntimo que me inspira a voltar, sozinho, vezes sem conta.

E vocês, porque fotografam?



“Ergue-te!”.
Puerto de San Lorenzo. 2022

O Escafandro.

“A única coisa que me espera é exatamente o inesperado”. ~ Clarice Lispector

Texto e fotografias por **Nuno Luís**.

O estudo das organizações nunca foi um tema que despertasse em mim particular interesse. Recentemente, por questões académicas, um artigo com um título sedutor veio engrossar a já de si extensa lista de leituras em atraso. Vários são os livros e documentos empilhados no fundo da secretária, à espera que chegue a sua vez.

Talvez pelo título, confesso que fiz batota. Alterei a prioridade de leitura e um artigo que deveria repousar no fim da fila para ser lido, repentinamente, saltou para primeiro. “All that Jazz – Improvisação Organizacional”, é este o título do artigo. Sugestivo, na minha opinião.

O foco central do artigo é a improvisação, algo tão presente no jazz, estabelecendo um paralelismo entre este género musical e o mundo das organizações. O autor atreve-se a ir um pouco mais longe e aborda as implicações que uma abordagem de improvisação traria como benefício em distintas áreas da atividade organizacio-

nal, em contraponto com a gestão tradicional, assente em conceitos teóricos, provados de forma empírica. A improvisação permite, na realidade da gestão das organizações, a tomada de decisões com base na intuição espontânea, permitindo a estas lidar de forma mais efetiva com situações complexas do seu dia a dia. Por outras palavras, o planeamento dá lugar à espontaneidade.

Improvisação, é precisamente a palavra que liga esta pequena introdução ao que tenciono partilhar nas próximas linhas. A esta, adiciono uma outra, que será útil ao longo deste texto: experimentação.

Quem tem acompanhado os artigos que tenho escrito para a “Perspetiva” já percebeu que escrevo sempre na primeira pessoa. Gosto de lançar um tema, enquadrá-lo no meu trajeto fotográfico e dissecá-lo, enquanto partilho as minhas experiências, vivências e opinião.

Por certo, alguns de vós, ao longo do vosso percurso enquanto fotógrafos, também se debateram com algumas das inquietudes que aqui tenho expressado. O artigo desta edição, o primeiro do ano, não foge à regra. Seguirei a linha dos anteriores.

À luz do artigo “All that Jazz”, na sua forma e conteúdo, relembro os idos tempos de como encarava, vivia e sentia a fotografia, em contraponto com os dias de hoje. Durante muitos anos, talvez demasiados, seguia o que considero serem as boas práticas da fotografia de paisagem, comprovadas de forma empírica!

O meu comportamento era semelhante a um robô. Não havia espaço, nem margem, para improvisos, nem para experimentar e nem tão pouco para ser criativo. Os robôs não improvisam. Os robôs não experimentam. Os robôs não criam.

Tudo se iniciava, no meu processo fotográfico,



Zambujeira do Mar, Alentejo, 2020

por um estudo minucioso do local a fotografar. Maioritariamente, passava por ver imagens de outros fotógrafos. A ida para o terreno apenas acontecia depois de um conhecimento aprofundado do local e se (reparem nas próximas palavras) as condições perfeitas, se é que isso existe, estivessem reunidas.

Daria pano para mangas debater o que são as “condições perfeitas” em fotografia. Continuando... De forma mecânica e uma vez no local, realizava as fotografias que tinha em mente e regressava a casa, frustrado se não tivesse feito a “foto previamente programada”. Estes passos, aqui descritos, foram, durante anos, o meu *modus operandi*. Inclusive, em alguns dos locais, até a coordenada exata tinha comigo do sítio onde deveria colocar o tripé.

Esta abordagem conduziu a um determinado estilo de fotografia. O enfoque era sempre em locais de rara beleza natural, que com mais ou menos arte retratava de forma documental. Fazia figas que, em cada saída fotográfica, as condições meteorológicas pudessem ser a cereja no topo do bolo, a conferir aquele toque diferenciador às minhas imagens. Tudo o resto, seria igual às demais.

Resumindo: os mesmos locais fotografados por tantos e tantos fotógrafos com as mesmas composições e uma fé – excessiva – na meteorologia.

Alguma vez se sentiram dentro de um escafandro? Eu nunca estive dentro de um, não sei qual é a sensação, mas acredito que seja de claustrofobia. Só de imaginar... É como me sinto quando penso nesses dias. Preso dentro de algo com apenas uma pequena viseira disponí-

vel para ver o mundo exterior. Não havia espaço para olhar para os lados, nem para cima ou para baixo.

Hoje tenho a percepção de ter estado amarrado a uma filosofia fotográfica que castrava, de forma drástica, qualquer linha de orientação mais criativa. Não havia espaço para o imprevisto, algo que aos dias de hoje é tão desafiante para mim.

Para condimentar um pouco mais este artigo, vou adicionar um ingrediente que adoro: a partilha de experiências vividas. Como já referi nas páginas desta revista, sou um apaixonado pelo continente asiático.

Das várias vezes que visitei a Ásia, sempre regresssei a casa feliz e de coração cheio. As paisagens, as pessoas, as vivências, os aromas e os sabores continuam a popular os corredores da minha memória como se tivessem sido experimentados ontem.

Tenho fotografias do Mount Bromo, do Kawa Ijen ou do Kelimutu. Todos eles, vulcões de rara beleza. Cada um destes vulcões ganha um novo alento quando visitado *in loco*. Dada a oportunidade de visitar e fotografar estas belezas naturais únicas, apraz-me lançar a mim próprio as seguintes questões: Qual foi a minha abordagem fotográfica? O que improvisei em locais fotografados de forma massiva? O que tentei fazer de diferente?

A resposta a estas questões é óbvia. Em termos de originalidade e de improviso fotográfico redundaram num enorme fracasso. Logicamente que há data não via as coisas dessa forma. Hoje vejo.

A minha atual desilusão vai um pouco mais longe. Será que na verdade experienciei e tirei partido dos momentos que presenciei? Fotografia também é experienciar o que se vislumbra.

A esta distância, a memória atraiçoa o que na época senti, mas questiono-me: terei sentido o vento a bater no rosto na ventosa manhã em que visitei o Mount Bromo? Os primeiros raios de sol a aquecer o meu gélido corpo naquela fria manhã, será que senti efetivamente o seu calor? Terá o forte cheiro a enxofre que emana do Kawa Ijen sido incomodativo para mim? Contemplei de facto as três crateras coloridas que compõem o imponente Kelimutu? Infelizmente, a obstinação da tal “fotografia previamente planeada” falava mais alto, em detrimento de tudo o resto.

A fotografia, aos dias de hoje, é para mim muito mais do que o ato de fotografar em si. É experiência. Existe em mim uma necessidade crescente de envolvimento com o meio ambiente. Gosto de sentir (e como é boa essa sensação) que sou apenas uma ínfima parte do todo. Nesse momento, estou apto a fotografar de forma livre e desprovida de ideias pré-concebidas. Ao fazê-lo, estarei a criar espaço para que a criatividade se revele de forma natural e estarei alerta para os imprevistos que a mãe natureza tem para oferecer.

Não há que ter receio do desconhecido. Ele é, na verdade, um aliado. Obriga a deixar para trás a zona de conforto, estimulando o lado mais criativo e desapegado que existe dentro de nós. Criatividade e improviso não caminham de forma paralela, pelo contrário, complementam-se. Tal como o jazz confere ao músico uma liberdade única de expressão artística, não custa

procurar e experienciar esse caminho na fotografia e fazer de cada saída fotográfica um concerto de jazz, onde a liberdade de improvisação é a palavra de ordem.

Trago comigo a crença que uma nova visão emerge, desprovida de preconceitos e, muito provavelmente, mais gratificante do que ser um mero registador documental daquilo que tenho diante dos meus olhos.

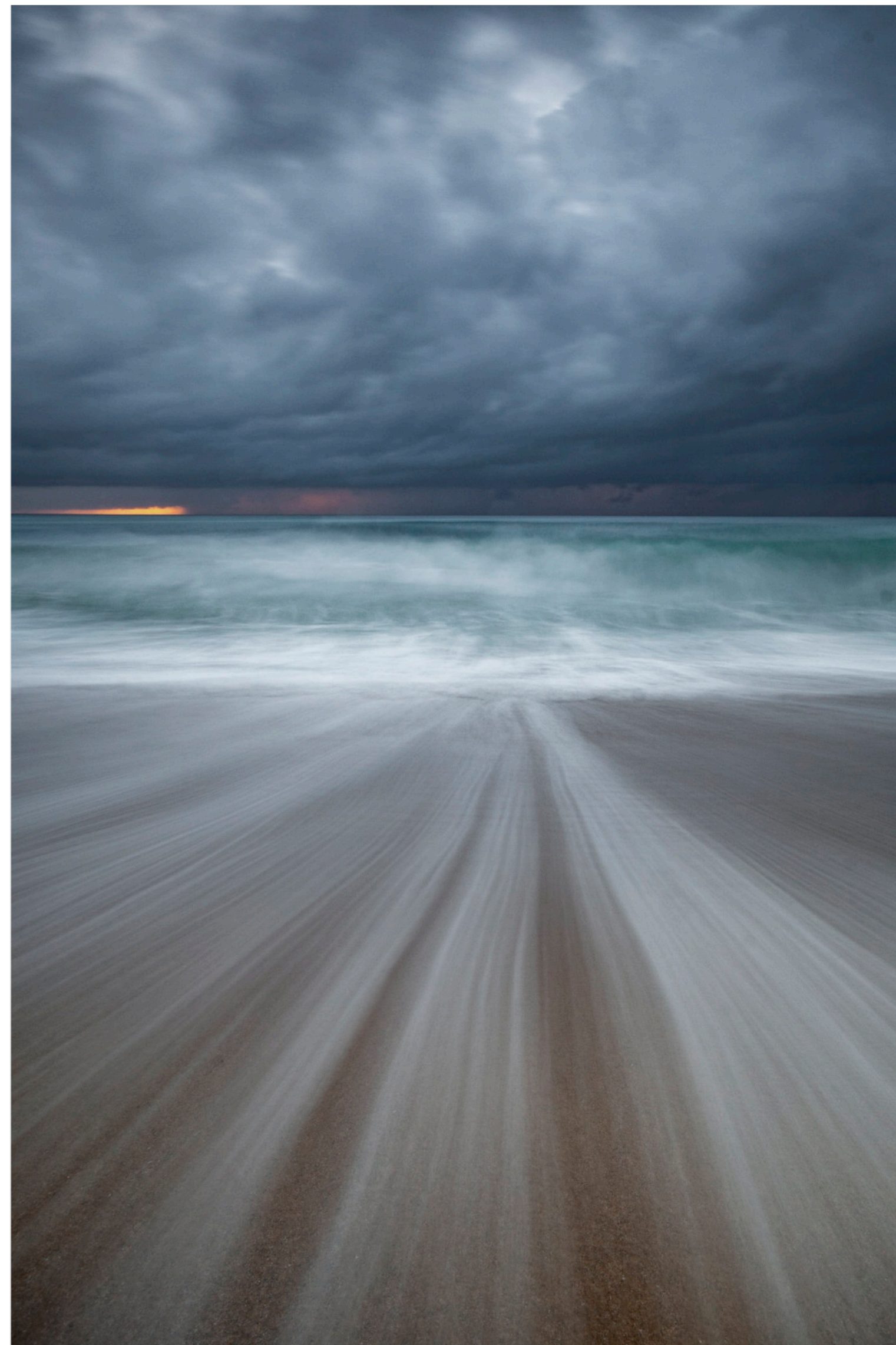
“Pensar fora da caixa”, uma expressão muito em voga nos dias de hoje, não custa. E verdade seja dita, todos nós temos a nossa caixa. Não interessa se a caixa é grande ou pequena, se é mais quadrada ou mais retangular. A tentativa de sair dela por si só, revela angústia, no âmago, perante tudo aquilo que é tido como adquirido e que se controla de forma confortável.

Para finalizar. Escrevo estas linhas num dos dias que a chuva mais assola a cidade de Lisboa, neste final de 2022. Espreito pela janela e vejo o sol a rasgar e a emergir, de forma tímida, por entre escuras e carregadas nuvens, anunciadoras de mais chuva para breve. Que este ténue raio de luz seja o farol que me continua a iluminar nesta caminhada cada vez mais no sentido da liberdade da expressão artística.

Que a minha e a vossa perspetiva nunca deixe de progredir. Feliz Ano Novo!

Praia da Foz, Sesimbra, 2008

Pág. seguinte:
Sítio do Troval, Manteigas, Serra da Estrela, 2020





Do Amor que Temos ao que Odiamos.

Porque vemos hoje muita Fotografia banal, sem criatividade e pouco surpreendente? Não tenho dúvidas de que é por causa das redes sociais, aquelas plataformas a quem devemos muita da excelente e inovadora Fotografia que hoje vemos.

Texto e fotografias por **Ricardo Salvo**.

Este artigo é sobre redes sociais, do amor que, nós, fotógrafos, lhes temos e porque as odiamos. É sobre a prisão a que nos acometem, sobre as suas ditaduras a que nos sujeitamos, sobre o ego que com elas massajamos, sobre o regozijo com os “likes”, sobre a opinião quase generalizada de que “mataram” a arte e sobre porque é que não há almoços grátis.

Começo por dizer, com toda a transparência, que gosto de redes sociais. Sempre gostei, costume experimentar todas, testo as suas capacidades e limitações, e só depois escolho as que ficam e de quais desisto. Sem rodeios, o Instagram é a que mais uso. A que mais amo e odeio ao mesmo tempo. Quero com isto dizer que não gosto das metodologias desta rede, abomino a forma como nos impõe aquilo que (não) queremos ver, mas não consigo deixar de a usar. E não me parece que eu seja caso único, porque

todos os que à minha volta dizem que odeiam redes sociais e que afirmam reiteradamente que se vão libertar delas continuam a usá-las avidamente. As redes sociais (inicialmente) concebidas para fotografia e imagem são um vício? Talvez para alguns, mas creio que para a maioria dos que fazem Fotografia estamos a falar de uma necessidade. E a arte – ou as obras, como lhes quisermos chamar – que através delas mostramos ao mundo não tem de perder qualquer dignidade por as usarmos. Não é à toa que grandes nomes da Fotografia de hoje têm os seus trabalhos no Instagram, mesmo tendo já consolidado outras formas bem mais nobres de os mostrar ao mundo.

Nós adoramos mostrar as nossas fotografias. Falando por mim, eu quero que algumas das minhas fotografias sejam vistas. Elas têm esse propósito. Quando faço uma fotografia da qual

gosto enquanto obra de autor quero mostrar, tenho dela um enorme orgulho e não me envergonho de dizer que fico vaidoso quando dela gostam. Faz-me bem, faz-me sentir bem, que gostem de uma fotografia feita por mim. Dá-me muito gozo, por exemplo, quando alguém que nunca tenha falado comigo me aborde para me dizer que viu o meu trabalho e que gostou, ou que se sentiu inspirado(a) nele. Sinto que a minha fotografia pode ir mais longe, pode estar muito mais próxima do seu propósito, e sinto que o meu trabalho, enquanto mensagem – porque a Fotografia é comunicação – está num caminho que não é vazio. E digo-o mesmo sem ter um desígnio comercial.

Em outros tempos, um artista tinha muitas limitações à divulgação do seu trabalho. O reconhecimento de uma obra estava restrito a canais específicos que eram feitos de favores, de cunhas,



As redes sociais permitem-me redescobrir-me enquanto fotógrafo. E isso influi consideravelmente na mutação da minha forma de olhar pela câmara fotográfica.

de amizades muito específicas e da rara conjugação de se estar à hora certa no sítio certo. As galerias de arte, as editoras de música ou as editoras de livros apenas chamavam quem era mencionado por alguém muito bem colocado. De fora ficavam valores e genialidades só porque ninguém os conhecia, porque não eram amigos de um editor de jornal ou porque o seu meio social não continha “as pessoas certas”. A Internet veio democratizar o direito de sermos vistos e já se perdeu a conta aos excelentes escritores que hoje são *best-sellers* porque tiveram a iniciativa de criar um bom blogue, ou músicos de uma genialidade sem precedentes porque se autopromoveram no Youtube ou em plataformas gratuitas de música e que numa editora lhes deram com a porta na cara porque não tinham um “padrinho”.

A pergunta que se impõe, e legítima... e isso trouxe mais de bom ou mais de mau? Aqui não há repostas erradas. Trouxe a banalização, e isso é mau. Perdeu-se a triagem e os conteúdos de que não gostamos chegam como um apêndice dos que gostamos. Somos obrigados a “grammar” com tudo e os editores, os *gatekeepers*, passamos a ser nós. Trouxe a desinformação, a má influência, o populismo e novidades como afinal a Terra é plana ou a Covid foi fabricada pelos chineses para tramar os americanos. Mas trouxe-me – sim, falo por mim – muito que de tão bom compensa tudo o que é mau. Ganhei muito conhecimento, muita oportunidade de troca de ideias, muita inspiração, muito mundo novo. Só temos de saber procurar e de saber encontrar. É como ver TV: é preciso muito *zapping* para ver algo de bom, mas está lá e encontra-se. Exige esforço e dá trabalho, é preciso aceitar-se que temos de ter estômago para muito lixo, mas

vale a pena.

Aplicada à Fotografia, esta realidade encaixa que nem uma luva. Redes como o Instagram, o Twitter (sim, nós em Portugal subestimamos o poder do Twitter para a Fotografia) ou, mais recentemente, o Vero mostraram-me fotografia como nunca tinha visto e inspiraram-me. Puseram-me a pensar mais longe a minha Fotografia e a querer fazer muito mais. Estas plataformas deram-me acesso sem restrições geográficas a fotógrafos que me fascinaram e com os quais comecei a dialogar recorrentemente e a trocar ideias num processo de aprendizagem que, para mim, vale ouro. Odeio a forma como o Instagram ou o Facebook tentam impor o que querem que eu veja? Claro que sim, mas não há almoços grátis. São redes que têm interesses, são detidas por acionistas com uma agenda própria e não nos resta senão aceitar esta relação simbiótica. E também não é assim tão difícil impor-mos nós a estas redes aquilo que queremos que nos mostrem.

Cabe ao fotógrafo que usa estas redes sociais ter bom senso na forma como publica. É um jogo de cintura: se publicamos pouco, os algoritmos destas redes não nos dão destaque; para termos destaque temos de publicar muito e acabamos por cair na armadilha da banalização. Para mim, vejo as redes sociais como um índice do meu trabalho. Funciona como uma sinopse do que sou e do que faço e pode servir-me de trampolim para outros veículos que venha a usar para a minha Fotografia. É um começo, um canal de chamada de atenção. É a folha de sala da minha obra, que um dia estará num livro, numa galeria, nas mãos de um colecionador num formato tangível ou perante os olhos de quem mais gosto.

Assumo que as redes sociais têm tido uma enorme influência na Fotografia que faço. Estão longe de superar a influência e a inspiração que em mim vem do que não está lá, mas não posso deixar de reconhecer o valor do seu contributo. E, por fim, muita da boa Fotografia que hoje se vê deve-se ao Instagram e ao Instagram se deve muita da péssima e mais banal Fotografia que nos passa pelos olhos. Mas, acreditem, o poder da escolha é nosso e não deles.

A troca permanente de ideias com outros fotógrafos aos quais não teria acesso sem as redes sociais permite-me inovar e estudar novas técnicas de fotografar.



Aire e Candeeiros. Campo de Orquídeas Silvestres.



Aire e Candeeiros. Campo de Orquídeas Silvestres.

Em Aire e Candeeiros existem mais de 30 orquídeas a florescer nos campos calcários do Maciço. Cada uma com as suas especificidades, os seus desafios, a sua beleza. Fotografar cada uma delas tornou-se numa viagem de descoberta e de paixão. Um projeto que verá a luz do dia em fevereiro, quando for publicado o meu novo livro. Até lá, deixo aqui uma história do processo.

Texto e fotografias por **Luís Afonso**.

Queria falar-vos de uma flor. Posso?

No universo da fotografia de natureza – na realidade, no universo humano – os seres vivos têm pesos diferentes na sua importância na hora de serem retratados. Já muitas vezes referi que, por exemplo, num concurso de fotografia de natureza, um rato, mosca ou pombo, não têm qualquer hipótese contra um leão, urso ou águia, isto para referir apenas alguns dos animais mais amados do planeta. Nesta minha análise, nem interessa a qualidade estética da fotografia que os represente. Simplesmente, uma imagem de um lobo ibérico dará um baile a qualquer outra num concurso nacional de fotografia de natureza. Acreditem, já o vi ao vivo diversas vezes.

Num dos últimos festivais de imagem de natureza em que estive coloquei este tema perante o realizador Daniel Pinheiro que me indicou di-

versos estudos que exploram este comportamento. Esses estudos explicam, entre outras coisas, por que razão certos tipos de animais “vendem” mais do que outros nos documentários que nos habituámos a ver ao fim-de-semana antes do almoço. Os resultados destes estudos condicionam quem faz e quem produz documentários de história natural. Tal como condiciona as capas da National Geographic. Basta olhar para a capa do número de dezembro da edição portuguesa, com os seus fofos cão e gato, para perceber isso. Como é óbvio, (quase) todos nós temos as nossas preferências. Ainda me lembro de uma amiga me ter dito um dia, “eu gosto deste animal porque é meu”, referindo-se ao seu animal de companhia. Eu não percebi bem o alcance dessa frase. Mas hoje, percebo-a.

As plantas, certamente os seres vivos mais presentes nas nossas vidas, têm uma grande des-

vantagem em relação aos animais. Em especial, se nos centrarmos na fotografia. Não têm olhos. E, não tendo olhos, não nos oferecem algo para onde apontar o nosso foco para criar emoção imediata no ser humano, que é, na realidade, quem interessa impressionar, como destinatário das nossas fotografias.

Mas essa não é a única desvantagem das plantas. Se pensarmos que todos os seres vivos têm como desígnio fundamental a sua capacidade de sobrevivência e reprodução, podemos facilmente perceber que, para um ser vivo que não se consegue mover, a vida estará certamente mais dificultada.

Nós conseguimos facilmente chegar ao pé da pessoa com quem decidimos criar descendência. Conseguimos viajar com ela, dançar com ela, conseguimos amá-la. Ou seja, temos a capacidade de ir ter com, de agir. Uma planta, pas-

sando uma vida inteira quieta, não o consegue fazer sozinha. Imaginem-se vocês a viver a vida toda sem se poderem mexer. Iriam certamente precisar de ajuda.

Para uma planta, o seu jogo de sedução terá de ser nitidamente diferente, precisando, lá está, de ajuda, de outro ser, para se reproduzir.

A planta de que gostava de vos falar é mestre na arte da sedução e não é por acaso que a cultura ocidental está repleta de histórias, mais ou menos sensuais, sobre este ser. A começar pelo seu nome científico que provém da palavra grega ὄρχις (órkhis), que quer dizer testículo.

As orquídeas têm vários métodos para chamar os seus ajudantes na importante tarefa da sua reprodução, que em termos mais específicos se chama polinização. O mais simples deles passa por oferecer algo em troca aos seus polinizadores, na sua maioria, insetos. Néctar será uma boa recompensa e, à semelhança de muitas flores que o produzem (as nectaríferas), também as do género *Epipactis*, para referir uma das que existe na minha área de atuação, Aire e Candeeiros, oferecem comida.

O inseto, ao procurar comida, leva consigo o pólen (os espermatozóides das plantas) e ao visitar outra planta com o mesmo intuito – o de procurar comida - toca com o pólen na parte feminina da planta (o estigma), permitindo a fecundação.

Mas, a maioria das orquídeas são peritas na arte de enganar os insetos, pois tendem a oferecer algo que não têm. Dariam certamente ótimos políticos, diria eu... Por exemplo, muitas espécies, como a *Anacamptis papilionacea* (erva-bor-

boleta, para referir o seu nome comum) prometem oferecer néctar mas, na verdade, não o produzem. A única coisa que fazem é imitar a fisiologia das plantas nectaríferas. O mesmo se passa com a *Orchis mascula* que nasce cedo, em Fevereiro/Março, quando não existe muita concorrência, fazendo com que os insetos não tenham muita escolha e as procurem.

Mas o método que mais me continua a impressionar e que me fez apaixonar pela “inteligência” destes seres vivos é a forma como atraem os machos dos insetos específicos a cada espécie (e esta especificidade é muito importante para o sucesso da reprodução) a tentar fazer amor com elas. As *Ophrys*, talvez o género por excelência dos prados calcários existentes em Aire e

Neottia ovata

1/125s a f/8, ISO 400, 80mm (120mm full-frame)

12.06.2021 18:02



Candeeiros, são peritas na arte da sedução.

Tome-se, por exemplo, a *Ophrys speculum*. O seu polinizador de referência é a vespa *Dasyscolia ciliata*. O que esta espécie de planta faz para atrair o seu parceiro é realmente elaborado: não só se parece com a fêmea da vespa, como imita a experiência táctil do inseto e tem feromonas que imitam o seu cheiro. Não bastando estas três técnicas, e por isso é que os impactos das alterações climáticas podem ser tão devastadoras, também floresce quando os machos estão mais propensos à procriação, mas as fêmeas ainda não estão recetivas. Nada mau para um vegetal, certo?

E quando tudo isto falha, elas são ainda capazes de tratar do assunto sozinhas, recorrendo à auto-polinização. Isto pode até parecer muito inteligente, mas será sempre um beco sem saída, porque impede a diversificação, levando à extinção em poucas gerações. Pelo menos é isto que se pensa, embora os estudos sejam poucos sobre esta matéria. Mas é comumente aceite que uma espécie que se dedique somente à auto-polinização, raramente consiga voltar à fertilização cruzada, chave para a evolução das espécies como nos explicou, tão bem, o senhor Darwin.

Histórias sobre orquídeas há muitas e convidivos desde já a descobri-las no meu próximo livro, a editar em fevereiro, com o título "Aire e Candeeiros: Campo de Orquídeas Silvestres". É um livro que resulta de um projeto que levo a cabo há já uma mão cheia de anos: procurar e retratar todas as orquídeas existentes naquela área protegida que alberga mais de metade das espécies existentes no continente português. Estimava-se que existam cerca de 66 espécies no

nosso território e nas "minhas serras" encontram-se 31, divididas por 11 géneros diferentes. Sem dúvida, uma das maravilhas deste parque natural.

A primeira vez que fotografei uma orquídea, no campo, foi em março de 2013, numa fotografia de paisagem aberta. Pouco depois, fotografei outra, já de forma mais consciente e, passados três anos, um amigo, a ouvir-me falar dessas plantas, levou-me a conhecer a *Ophrys lutea*, já no final da temporada de orquídeas que, em Aire e Candeeiros, anda por meados de maio.

Fiquei completamente absorvido, tanto com a sua aparência - afinal as plantas também têm olhos - como com a sua inteligência e, no ano seguinte, em fevereiro, lá estava eu para a minha primeira temporada de orquídeas completa.

Tenho de confessar que, nos primeiros anos, até a demanda estar completa, o que me interessava era registar a espécie de maneira mais formal. Sempre sem recorrer a técnicas de macro mais convencionais, de ter tudo focado, com grande profundidade de campo, sem usar tripé e iluminação e tudo o mais, mas não tendo propriamente uma abordagem muito criativa, como a que tento ter na paisagem natural.

O meu objetivo era fotografar todas as orquídeas, no seu local, também recorrendo ao fundo liso, mas sempre mostrando a flor e não a minha interpretação da flor.

E os anos foram passando e eu fui descobrindo cada vez mais sobre as orquídeas, sobre o seu habitat, sobre os seus hábitos e tudo isto foi fazendo com que eu conhecesse o meu sujeito

cada vez melhor e que eu me apaixonasse ainda mais por ele, algo que eu considero fundamental para poder ter um registo mais pessoal quando estou a fotografar.

Só conhecendo profundamente o sujeito, estando à vontade com ele, é que conseguimos colocar nas nossas fotografias aquilo que nos impressiona, aquelas características que achamos peculiares, os elementos que nos tocam de forma especial.

Recentemente, mais concretamente em 2020, dei por estabilizada a lista de espécies existentes em Aire e Candeeiros e pude começar a pensar em registar outras perspetivas, também com o intuito de obter um projeto com pés e cabeça e não apenas uma coleção de cromos. Tendo chegado ao fim da demanda de registar todas as espécies, era importante agora fazer algo com este projeto.

Talvez isto também se suceda com outras espécies, inclusive animais, ou outros sujeitos. Penso que não devo ser o único fotógrafo que começa por registar a espécie de forma mais literal, mas depois conclui que só isso não chega e que tem que procurar outras perspetivas.

E então comecei a sair de casa com outras objetivas. Uma grande angular, uma tele, uma 50mm que mostra um campo de visão mais próximo do que estamos habituados. Comecei também a querer fotografar o seu ambiente, ou seja, a casa onde as orquídeas vivem. As plantas que lhes fazem companhia. Os animais. E comecei também a fazer imagens de reportagem, para contar, por exemplo, que elas também vivem à beira de uma estrada onde passam centenas de carros diariamente.

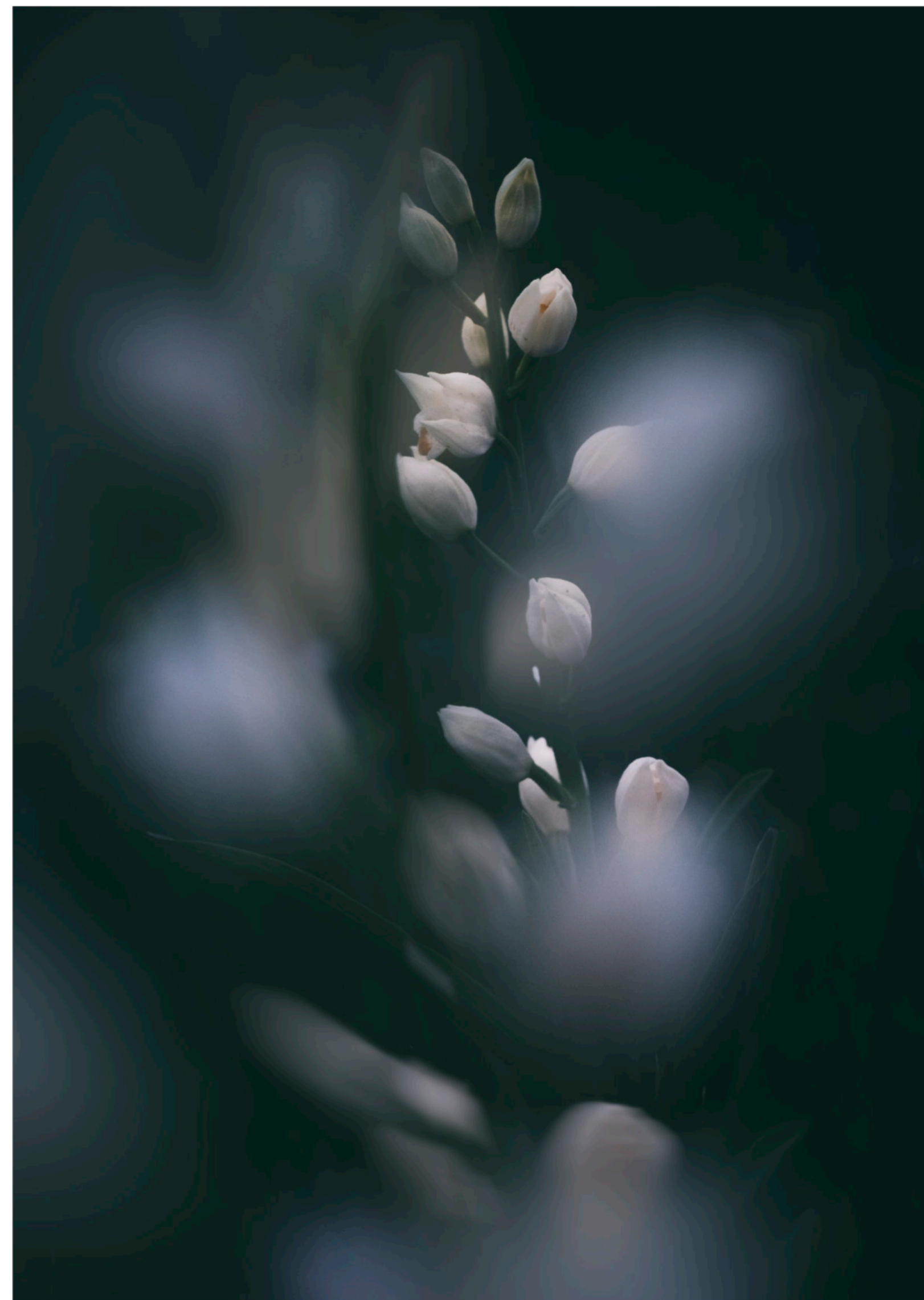
Passada esta fase, que na minha opinião, é uma segunda etapa deste projeto e onde deixo de ver a fotografia como retrato, para passar a vê-la como reportagem, cheguei ao ponto em que estou preparado para fotografar as orquídeas, fazendo com que se pareçam orquídeas, mas que sejam mais que orquídeas, para roubar esta frase que tanto gosto ao Edward Weston.

Ou seja, passar a usar as orquídeas como matéria-prima para fazer a fotografia como eu sempre a persigo, com um cunho predominantemente artístico.

Termino este artigo, com a ideia de que podemos fotografar a natureza de diversos pontos de vista e de diferentes perspetivas. Posso fotografar a natureza enquanto retrato, mas também a posso usar para criar uma obra artística, ou seja, colocar um F grande na palavra Fotografia. Não é por fotografar paisagem e natureza, um sujeito que facilmente é reconhecível por todos, que preciso fotografar apenas o que eu vi. Às vezes, muitas vezes, posso apenas (e este apenas dava para mais umas linhas de conversa) fotografar o que senti.

O livro "Aire e Candeeiros: Campo de Orquídeas Silvestres" encontra-se em pré-venda, a preço especial, em <https://luisafonso.com/loja/>

Cephalanthera longifolia
1/125s a f/8, ISO 200, 80mm (120mm full-frame)
28.03.2020 18:16

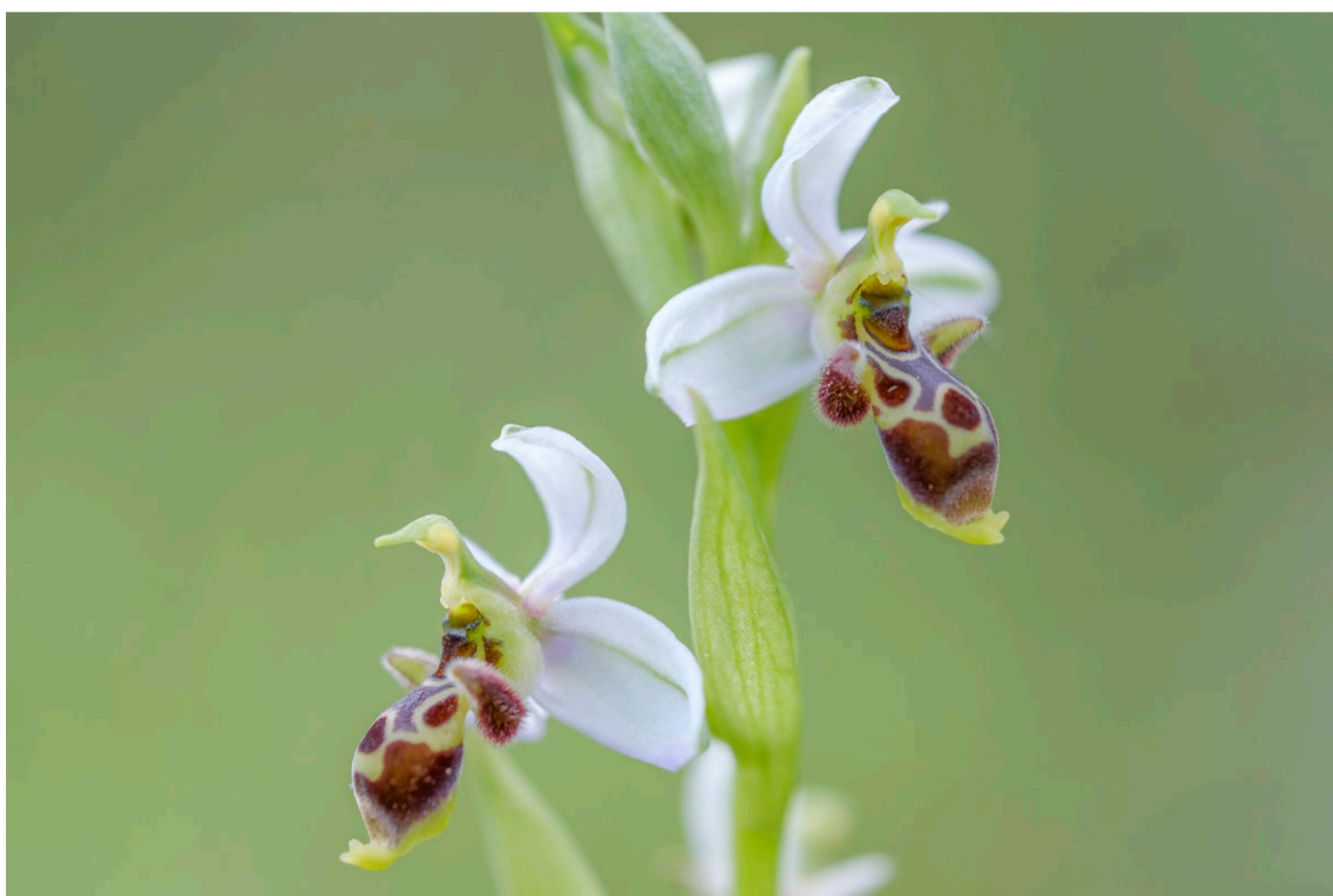




A semelhança entre várias espécies de orquídeas e alguns animais é notável, em especial quando imitam os insetos que as polinizam. Esta *Ophrys sphegodes subsp. atrata*, uma das mais raras orquídeas existentes em Portugal, parece querer hipnotizar-nos com os seus distintivos “olhos” azuis.

1/250s a f/4, ISO 400, 80mm (120mm *full-frame*)
16.04.2021 15:00

As orquídeas, tal como todas as plantas, não se conseguem mover para chegar às suas parceiras. Têm por isso que confiar noutro ser para se reproduzirem. Os insetos são a sua melhor ajuda e elas há muito que aprenderam a fazer de tudo para os convencer nesse processo que é fundamental para a sua sobrevivência. E, já agora, para a nossa...



Ophrys picta
1/200s a f/2.8, ISO 200, 80mm (120mm full-frame)
02.04.2021 10:31

Ophrys tenthredinifera
1/500s a f/4, ISO 400, 80mm (120mm full-frame)
16.02.2021 12:29

Pág. seguinte:
Botões de *Himantoglossum robertianum*
1/200s a f/8, ISO 100, 180mm full-frame
12.02.2018 18:07





Uma visão onírica da *Limodorum abortivum*, reminescente do delírio com que se olhava para estas plantas maravilhosas durante a era vitoriana.

1/1600s a f/2.8, ISO 1600, 80mm (120mm *full-frame*)
19.04.2022 18:20

No topo da Serra dos Candeeiros, uma população com dezenas de indivíduos de flores brancas (à esquerda) não deixa ninguém indiferente. Como se, por magia, o rosa (à direita) tivesse sido roubado a todas as *Orchis mascula* ali existentes. Na verdade, isso não é bem assim, pois existem exemplares do rosa mais forte ao branco mais pálido. Um caso de estudo, certamente! Nestas imagens, privilegiou-se a inclusão do habitat das flores, em vez de um retrato da espécie.



1/1250s a f/4, ISO 400, 80mm (120mm *full-frame*)
13.03.2021 14:54



1/80s a f/11, ISO 400, 80mm (120mm *full-frame*)
08.03.2020 14:02

Pág. seguinte:
Serapias strictiflora
1/80s a f/11, ISO 800, 80mm (120mm *full-frame*)
04.05.2022 18:58





As populações de *Orchis italica* existentes nas terras de Aire e Candeeiros chegam a ter centenas de indivíduos. É, por essa razão, uma orquídea fácil de avistar, estando presente em toda a zona, inclusive à beira de uma estrada nacional onde passam centenas de carros diariamente.

1/400s a f/4.5 ISO 1600, 100mm (150mm *full-frame*)
30.03.2022 18:42

Por Terras de Pitões.

Por Terras de Pitões.

Pitões das Júnias é das mais altas aldeias de Portugal, situada a cerca de 1200 metros de altitude. Encontra-se em pleno Parque Nacional da Peneda-Gerês. O terreno perfeito para explorar as questões que trazemos dentro de nós e da nossa criatividade.

Texto e fotografias por **Ângelo Jesus**.

No início de dezembro regresssei a Pitões das Júnias. Não é com frequência que lá vou, mesmo para mim, que sou do Porto. A viagem de quase três horas torna-se, por vezes, difícil na última parte do trajeto, especialmente nesta altura, em que as temperaturas rondam frequentemente os zero graus.

Pitões das Júnias é uma das mais altas aldeias do território português, situada a cerca de 1200 metros de altitude. Pertence ao concelho de Montalegre e encontra-se dentro do Parque Nacional da Peneda-Gerês.

Para mim, Pitões, ao longo dos anos, tem sido quase sempre um ponto de partida para as atividades de montanha, neste lado do maciço. Poucas vezes me dediquei a explorar os seus recantos. Já ando a planear esta saída há alguns meses. A ideia é revisitar alguns locais mais familiares, talvez com um olhar diferente. Mas também visitar outros, para os quais ainda nem sequer olhei, aproveitando a altura em que a paisagem adormece mas onde os carvalhais

mostram, tardiamente, as suas vestes de outono.

Inicialmente, contava permanecer quatro dias, explorando uma área diferente ao longo de cada dia. Contudo, por força das circunstâncias, tive de alterar os planos e reduzir tudo a metade, condensando mais as coisas. A pernoita será feita dentro do carro, um sistema que tenho vindo a aperfeiçoar. Viver num carro vulgar, mesmo que seja só por dois dias, levanta alguns desafios. Alguns dos princípios a adotar passam pelo minimalismo e organização. Saber onde está cada um dos itens necessários, num espaço confinado, é muito importante, especialmente quando se regressa de uma atividade e se começa a desarrumar tudo para tratar da higiene pessoal, refeições, carregar baterias, etc. Com previsão de temperaturas mínimas negativas isso tornar-se-á, certamente, num desafio maior.

Saio de casa ainda de madrugada, contando chegar a Pitões já com o sol a aparecer no horizonte. As previsões para o primeiro dia são de

céu limpo, mas com temperaturas a rondar o zero. Como sei que, provavelmente, irei encontrar gelo na estrada, não arrisco a fazer a última parte da viagem ainda de noite. Sigo assim, sem pressa de chegar.

Já a percorrer a EN 103, começo a ver, à minha esquerda, o topo do maciço do Gerês a ser iluminado pelo sol que nasce do lado oposto. Até dá vontade de parar o carro, mas lá vou resistindo, alternando o olhar entre a serra e a estrada, para não haver deslizos. Conduzir e ter olhar fotográfico são duas coisas que geralmente não combinam muito bem. Entre Outeiro e Pitões, as bermas da estrada e os campos estão cobertos de uma fina camada branca, como se fosse açúcar. Por outro lado, os primeiros raios de sol transmitem uma sensação agradável de conforto.

Chegado finalmente a Pitões, estaciono o carro e saio para me preparar para o percurso do dia. Está um grau negativo, mas até relativamente agradável. Não corre ponta de vento, o que



Pitões das Júnias, Dezembro 2022

torna tudo bem mais tolerável. São quase nove da manhã. Sei que já não é propício para a fotografia, mas está ótimo para reconhecimento de terreno e, quem sabe, talvez surjam alguns detalhes pelo caminho que justifiquem tirar a câmara da mochila.

Sinto uma energia enorme. Já há algum tempo que não fazia uma saída destas.

É reconfortante sentir o sol a tocar-me na face nesta manhã fria. É bom ouvir as botas pisar a terra novamente, um som que ecoa num quase silêncio. Não ouço vento, nem sequer um único pássaro. Nas zonas de sombra, o chão está gelado e com tonalidades azuis. Paro por alguns segundos a observar as folhas dos carvalhos que abundam no chão por todo o lado, endurecidas pelo gelo. Sinto-me tentado a fotografar aqueles detalhes, mas preciso de tempo e, sabendo que o trajeto é longo e em parte desconhecido, sigo caminho. Os dias agora são curtos e o pôr do sol chega por volta das cinco da tarde, altura em que já quero estar perto da vila. Paro para a primeira refeição, já em terreno elevado e de baixo do conforto do sol. Observo a paisagem em detalhe. Há sempre muita coisa a chamar-me a atenção, quando me desligo do resto do mundo. Muitas vezes isso não resulta propriamente no premir do botão da câmara, mas numa ideia que pode resultar noutra altura ou até algo noutra lugar. Este é um dia de experiência na natureza, mas também de treino visual e memória futura.

Perto da uma da tarde já fiz praticamente metade do trajeto e escolho um bosque de belos carvalhos, já meio despídos, que revisito ao fim de alguns anos, para descansar um pouco e fazer a segunda refeição.

Depois de “carregar baterias”, resolvo dar um salto à Capela de São João da Fraga, situada a mais de 1100 metros de altitude. Vou lá para apreciar as vistas e parte dos sítios por onde andei hoje. Porém não fico muito tempo. Este é um ponto de frequente presença humana, algo que procuro evitar durante estas atividades.

O tempo passa. São já três e meia e não falta muito para o sol se esconder por trás da serra. O clima também começa a mudar. Para o dia de amanhã as previsões são de muita nebulosidade e talvez alguma chuva. Certamente será um dia muito diferente de hoje.

No entanto, no espaço de uma hora, o céu começa o seu espetáculo e proporciona-me alguns momentos em que finalmente achei que valia a pena pegar na máquina. Eis que surge uma luz deliciosa a entrar pelo bosque de forma intermitente, tentando escapar por entre as nuvens. Durante esse espaço de tempo vou fotografando, deixando que seja a luz a ditar para onde devo olhar. Um pouco mais tarde, já dentro do carro e no momento em que me preparo para dar o dia como concluído, surge mais um momento de luz épica, a romper as nuvens, a inundar toda a zona envolvente da vila de Pitões. Salto outra vez para fora do carro com um final de dia memorável!

São 6:30 do segundo dia e não estou com muita coragem para sair do saco cama. O termómetro do carro marca -2° e até consigo ver a minha própria respiração. Tento abrir um dos vidros cobertos pelo gelo, mas quase não consigo. Ouço o vidro a arranhar e não abro mais. Pela frincha da janela vejo que lá fora o dia está completamente nublado. Ligo o carro para aquecer o habitáculo e descongelar os vidros.

Ainda terei de fazer um curto trajeto até ao ponto de partida para o segundo dia de caminhada.

Chegado ao destino, alguns minutos depois de conduzir cautelosamente em cima da estrada gelada, estaciono e aproveito para fazer o pequeno almoço num ambiente bem mais confortável, dentro do carro.

Trato de me equipar com três camadas de roupa e inicio o caminho. Levo o impermeável como última camada, algo que se viria a revelar como a melhor opção. Embora a previsão de chuva para este dia fosse baixa, acabou por acontecer o contrário. Em ambiente de montanha, cedo aprendi que é preciso desconfiar sempre da meteorologia e uma escolha errada de vestuário pode certamente condicionar o resto do dia.

O início do trajeto é feito com cautela. O piso está escorregadio e traiçoeiro. Após alguns minutos, a entrada em caminho florestal dá-me algum conforto. Já estou no meio das árvores, onde os carvalhos são os senhores da floresta. Estou no meu mundo. Sinto que pertença aqui e hoje estou com muita motivação para trabalhar. Não demora muito até entrar numa espécie de estado meditativo, onde tudo começa a fluir, sem pensar.

Ultimamente tenho tentado, antes de carregar no botão de disparo, lembrar-me de pensar no porquê dessa decisão. O que me leva a parar e a fazer uma determinada fotografia. O que sempre acaba por acontecer é esquecer-me de o fazer, por estar tão envolvido no momento e desligado do meu "eu" racional. Mas será mesmo que o devo fazer? Será a intelectualização deste processo benéfica para a criação de

alguma coisa? Ou devo simplesmente continuar a fazer como sempre fiz, ser instintivo, reativo e simplesmente apontar a objetiva para aquilo que me chama a atenção? Responder a uma ligação...

Talvez seja mais interessante pensar no porquê mais tarde, quando já estou em casa a cozinhar as imagens e quiçá, até com isso, a condicionar o resultado final.

Não terão sido assim criadas, as grandes obras ou performances ao longo dos tempos? Sem pensar, embora com a memória de muito treino

e rotina a correr em segundo plano, mas com a execução a ser feita de forma totalmente instintiva. Acho que continuarei a não me preocupar com o porquê, antes da execução, assim como a não pensar em regras disto ou daquilo. Apenas a fazer o que me parece certo, naquela altura. Talvez seja esta a melhor forma de manter tudo mais puro e genuíno.

Voltando ao terreno. A luz suave e dispersa pelas nuvens cinzentas ilumina discretamente o musgo verde saturado, assim como a folhagem alaranjada que ainda se vê por todo o lado. Alguns carvalhos ainda mantêm, porém, algumas

folhas verdes, dependendo do local onde se encontram ou talvez da espécie, não sei. Lá vou eu fotografando, seja a luz, a cor, os pequenos arranjos no intrincado da floresta, que me chamam a atenção e que dão início a um processo que gosto muito. O de tentar decifrar e arranjar estes meus *puzzles* visuais.

Entretanto chega a chuva miudinha, que para já, vai e vem. Não vejo, nem ouço ninguém por aqui. Diferente do dia de ontem em que me cruzei com várias pessoas. Nada como uma chuvinha para as afastar.

Daqui para a frente começa a fase delicada de fotografar com chuva constante e, ao mesmo tempo, tentar manter o equipamento funcional. Entro dentro de uma nuvem e o ambiente torna-se ainda mais húmido, mas ótimo para simplificar e separar os elementos na paisagem. Assim continuo a encher o cartão de memória até chegar ao carro.

Este dia termina de forma muito diferente do que começou. Dois dias opostos a revelar a personalidade deste lugar. Como alguém que um dia se apresenta alegre e sorridente e no outro, mais sombrio e nostálgico, mas que mesmo assim nos dá o prazer da sua companhia.

É assim esta terra do Norte, que nos recebe bem, mas sem mordomias. Terra antiga, de boa gente, imponentes fragas e belos carvalhais. Cheguei com sol e muito frio. Parto com chuva e quase sem conseguir ver a estrada à minha frente. Ainda tenho quase três horas de viagem até casa e sigo viagem pouco antes de anoitecer.

Grato por mais esta experiência.





Pág. anterior:
Pitões das Júnias, Dezembro 2022



Pitões das Júnias, Dezembro 2022



Pitões das Júnias, Dezembro 2022



Pitões das Júnias, Dezembro 2022

Pág. seguinte:
Pitões das Júnias, Dezembro 2022





Pitões das Júnias, Dezembro 2022



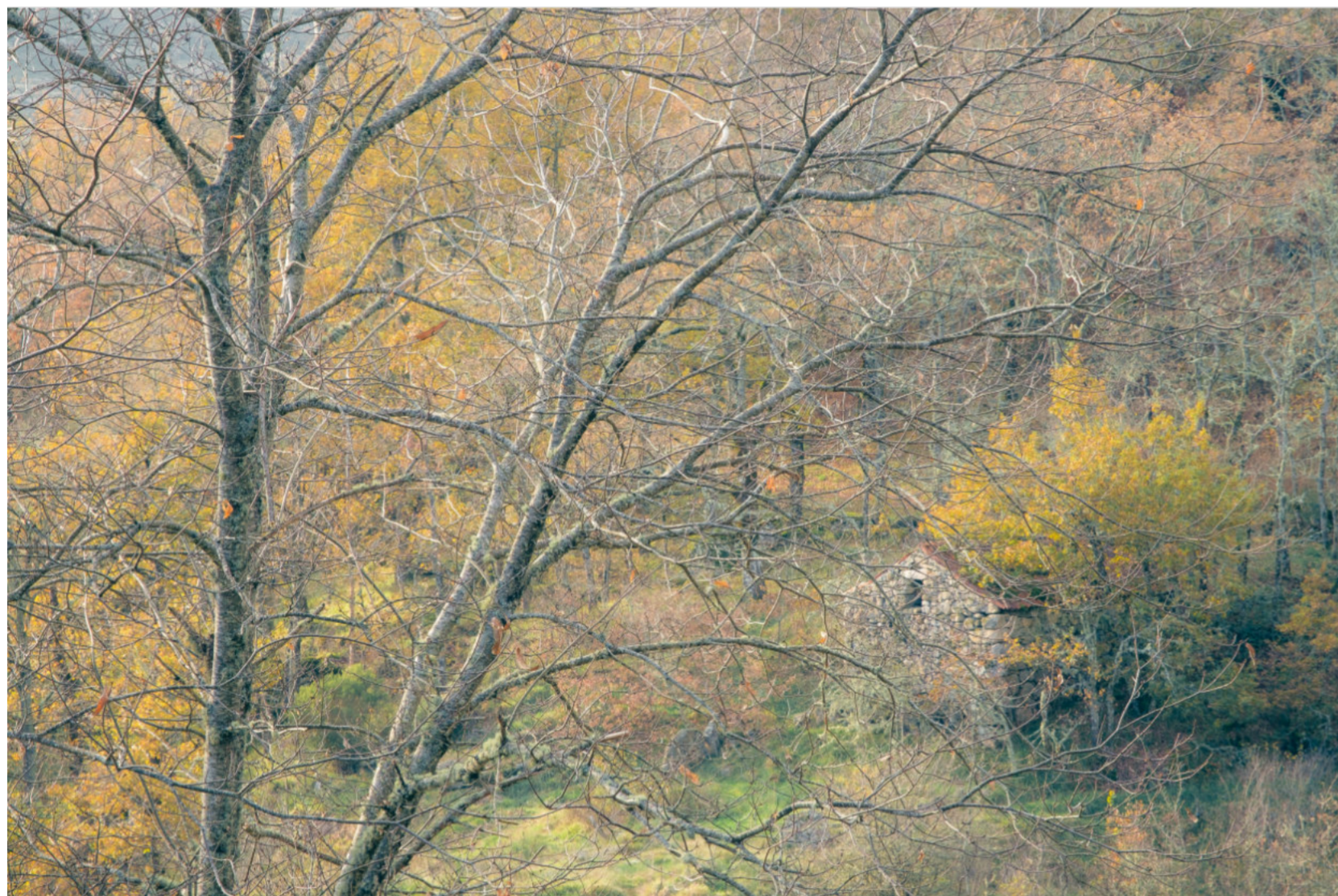
Pitões das Júnias, Dezembro 2022



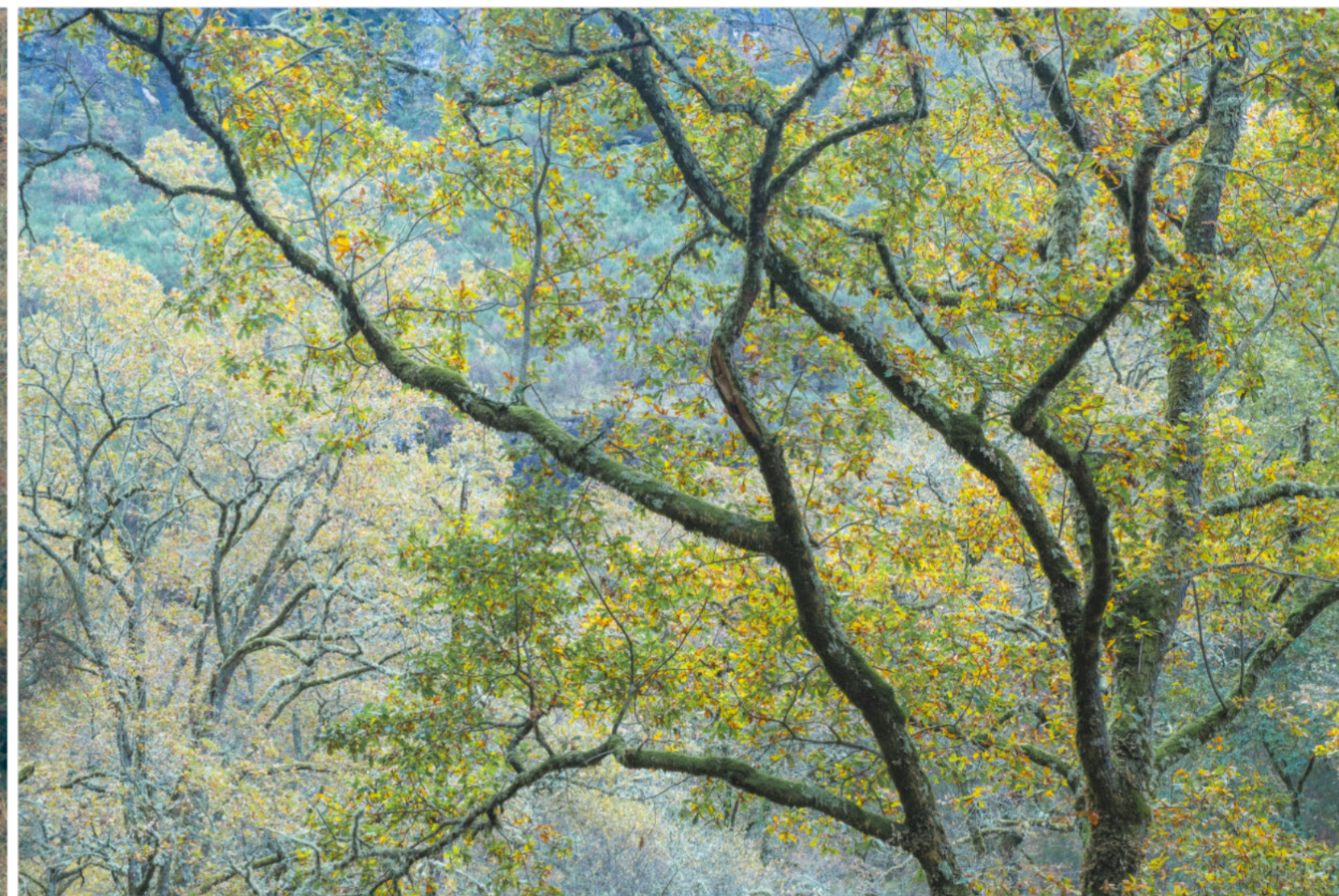
Pitões das Júnias, Dezembro 2022

Pág. seguinte:
Pitões das Júnias, Dezembro 2022





Pitões das Júnias, Dezembro 2022

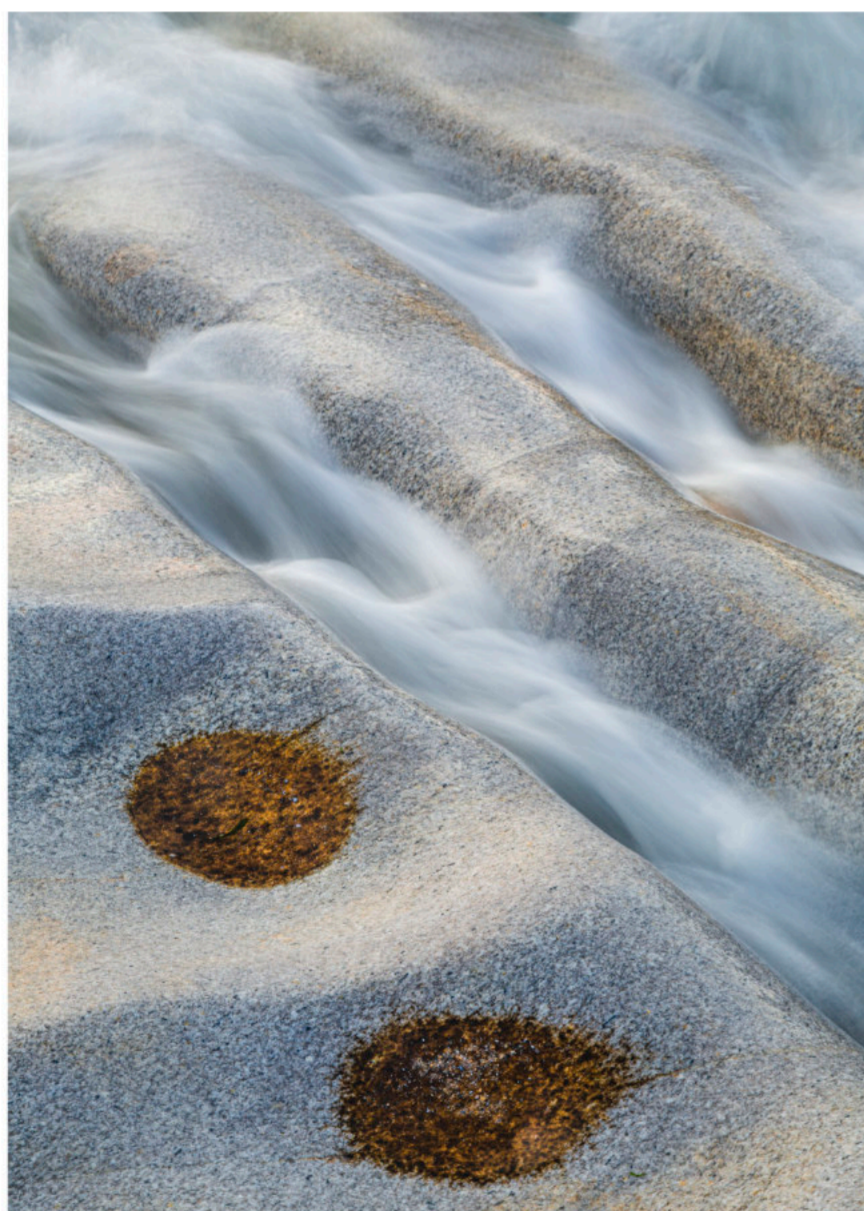


Pitões das Júnias, Dezembro 2022

Diálogos.

Moledo do Minho, 2017

Texto e fotografia por **Luís Afonso**.



Ao contrário dos outros sentidos, o olfato tem um acesso privilegiado ao nosso cérebro através de uma ligação íntima à amígdala e ao hipocampo, estruturas centrais na formação das emoções. Isso explica porque certos aromas são responsáveis pelo avivar de tantas memórias repletas de sentimento.

Nunca irei esquecer o intenso cheiro do sargaço que inundava a carruagem do comboio que me levava até às férias de verão, em família, ali a seguir à estação de Âncora, quando viajava de Campanhã em direção a Seixas. O cheiro da minha praia, para onde íamos todos os dias de todos os verões de todos os anos da minha infância, ainda hoje se insinua como um vento que é só meu debaixo deste nariz.

Os meus pais gostavam da quietude e, por isso, escolhiam uma zona da praia mais recatada e abrigada da nortada tão característica de Moledo. Cada vez que os ouvíamos dizer que íamos para as “pedras”, eu e a minha irmã, que adorávamos o extenso areal, ficávamos desalentados.

Hoje, olhando para trás, não tenho dúvida que foram aquelas “pedras” – e a firmeza dos meus pais –, de um granito que na maior parte das vezes é branco, mas também amarelo, rosa ou negro, as principais responsáveis pela minha paixão em fotografar texturas, formas e a energia das rochas.

Esta imagem foi realizada numa visita, já como fotógrafo, à minha praia. Os aromas e as lajes de granito continuam lá. Mas agora, olho para elas de uma forma diferente, alimentada por dezenas de anos de cultura visual, de uma paixão pela estética da natureza e pela luz que transpira dos elementos naturais.

Não era a primeira vez que visitava esta praia com o intuito de a fotografar. Mas desta vez, tentei ignorar a paisagem aberta que me rodeava e centrar-me no granito do chão e em todas as histórias que se insinuam no céu debaixo dos meus pés.

Recordo-me de ter olhado para estas duas pequenas poças, cheias de uma água de dias passados, que pintam de um amarelo denso e dourado o chão que molham, e de me ter ocorrido que as rochas também podem olhar para mim. Depois, enquanto a maré se empresta ao jogo eterno do vai e vem, vi a água salgada encher aqueles pequenos canais, sem tocar nos olhos à sua esquerda, vivendo num mundo paralelo onde a energia preenche o presente.

A luz do fim do dia ia fazendo a sua magia no céu e noutros tempos seria suficiente para me fazer levantar os olhos do chão. Mas não desta vez. Desta vez, fez-me concentrar ainda mais nesta composição, neste registo mais íntimo do que se passava a poucos centímetros do meu

centro emocional. A luz quente, refletida no granito das rochas, adensa a sensação de conforto e cria uma tri-dimensionalidade difícil de concretizar de outra forma. A textura está presente, como se a pudéssemos e quiséssemos tocar, e a fina camada de água salgada limpa toda a imagem, tornado-a pura, recente, efémera, mas ao mesmo tempo, eterna.

Não há um poro desprovido de matéria na pele desta rocha, tal como não o há na superfície deste mar. Tudo está em movimento, mesmo que esse movimento signifique uma pausa temporária.

Mas, talvez, aquilo que mais me agrada nesta imagem, para além das memórias de uma praia que é só minha, são os diálogos que aqui se mantêm. Aos pares. Dois círculos. Duas linhas cheias de água. Duas linhas cheias de pedra branca. Duas curvas de luz e sombra. Entre todas, parece não haver ponto de contacto, mas, no entanto, nenhuma conseguiria viver sem a existência das outras. Como em tudo na vida, tudo está ligado, mesmo que, à primeira vista, pensemos que não está. Mas as pedras, a água e a luz, são uma só e todos os diálogos serão sempre com as mesmas “pessoas” e falarão sempre usando as mesmas palavras. Só as histórias que criamos com elas serão diferentes...

Em termos estéticos, depois de enquadrar as diferentes diagonais e de ter guardado a secção inferior esquerda para os dois círculos dourados e as linhas curvilíneas que as separam, perpendiculares às grandes diagonais, foi tempo de montar o tripé, esperar que a maré fizesse o seu jogo e, escolhendo um tempo de exposição suficientemente lento para criar movimento, sem

retirar textura à água, captar esta imagem, quando a água do mar enchesse os canais. O pós processamento é mínimo: ajustes de cor para realçar os dourados introduzidos pela luz de fim de dia e abertura das sombras para manter o aspeto suave e puro deste cenário íntimo.

Pág. anterior e seguinte:
0,3s a f/13, ISO 100, 67mm
26.08.2017 19:54



4:três

Três autores, quatro imagens, unidas por algo em comum. Esta secção é de todos os que lêem esta revista. Se queres participar, envia as tuas imagens, acompanhadas de um texto sobre as mesmas e o elemento que as une, para o email one@luisafonso.com.

Nesta edição:

1. Inês Valente
2. Luís Jesus
3. Vítor Santos



O formato de imagem 4:3 é utilizado pela maioria das câmaras digitais *point-and-shoot*, pelos sistemas *Four Thirds* e *Micro Four Thirds* (OM System e Panasonic, por exemplo) e em câmaras 645 de médio formato. O formato digital 4:3 foi desenvolvido para combinar com os monitores digitais dos finais do séc. XX e início do séc. XXI, monitores de computador baseados nas TVs da altura.

Chamado de "janela clássica", utilizado na televisão tradicional (SDTV) e na grande maioria dos ecrãs de computadores até por volta de 2009, tem como origem e grande utilizador todo o cinema feito até por volta de 1950.

Ainda hoje é usado em alguns raros filmes que buscam aquele cheirinho do antigamente, com o seu enquadramento "clássico". É ainda usado na gama de iPads da Apple.

De Fora Para Dentro

Texto e fotografias por **Inês Valente**.

Instagram: **@inesrvalente**

O meu percurso, no mundo da fotografia, começou quando tinha aproximadamente cinco anos e recebi uma câmara em forma de tubo de *smarties* (formato 110). É engraçado, olhar agora, para as imagens que fazia na altura, do meu pequeno mundo: o meu cão ou a vista da minha janela.

Após a licenciatura, comprei a minha primeira câmara dSLR, altura em que comecei, igualmente, a viajar e a conhecer o mundo. O foco das imagens passou a ser a paisagem e o meu pequeno mundo deixou de ser apenas a minha vista da janela e passou a ser as inúmeras vistas das várias janelas.

Após muitos cliques e, principalmente, muitas viagens, comecei a olhar para dentro e a procurar mais mundo dentro de mim.

Por esse motivo, o tipo de fotografia que mais me atrai é a fotografia conceptual e experimental. Gosto de experimentar coisas novas, usar as mãos para intervir nas imagens e transformá-las

em algo novo, vendo as mesmas imagens com novas perspectivas.

As viagens continuaram e continuarão no futuro e, ligadas a elas, a fotografia de paisagem. As imagens que escolhi para esta secção são todas de viagens.

A primeira foi feita no *Arches National Park*, nos Estados Unidos, numa noite estrelada. Após passar algum tempo a tentar ver qual a melhor composição, e a tentar fazer *light painting* nas rochas, eis que passa um carro e ilumina precisamente o topo destas *Balanced Rocks*, conferindo-lhes um toque especial. Para mim, foi um pequeno momento decisivo que fez toda a diferença.

Quanto à segunda imagem, também ela feita nos Estados Unidos, em *Death Valley*, retrata um pequeno momento decisivo, pois após estar com o enquadramento que eu queria, tive de esperar que algo passasse, neste caso, novamente, um carro, para ter um elemento de escala,



Inês Valente reside no distrito de Aveiro. No seu décimo aniversário recebeu uma polaroid e a sua visão estendeu-se para lá do seu pequeno mundo – e do que via da sua janela – e começou a fazer retratos. A ria sempre teve especial importância. Foi lá que viu inúmeros nasceres do sol, quando andava a praticar as diferentes técnicas. Os seus moliceiros, as bateiras, os inúmeros braços, a vida animal, as marés, tudo isso lhe transmite uma sensação de “casa” e, por esse motivo, continua a ser o seu local predileto. Fotografa com uma Sony A7R II, uma Nikon F3 analógica e uma AGFA Photo compacta que anda sempre consigo. Para si a fotografia é uma forma de prestar mais atenção, tanto ao mundo exterior, como ao interior. Uma maneira de estar mais presente no momento e transformar as emoções em coisas palpáveis.

conferindo assim maior grandiosidade à imagem.

A terceira fotografia é da "minha" ria. Escolhi esta imagem, de entre tantas outras da ria, porque foi um dia em que tinha ido ao nascer-do-sol, mas o sol não quis aparecer. Estava um dia chuvoso. Contudo, gosto imenso desta imagem porque me transmite uma sensação de paz, não só pela cor azul, característica da ria, mas também pela simplicidade do cenário e pelo minimalismo.

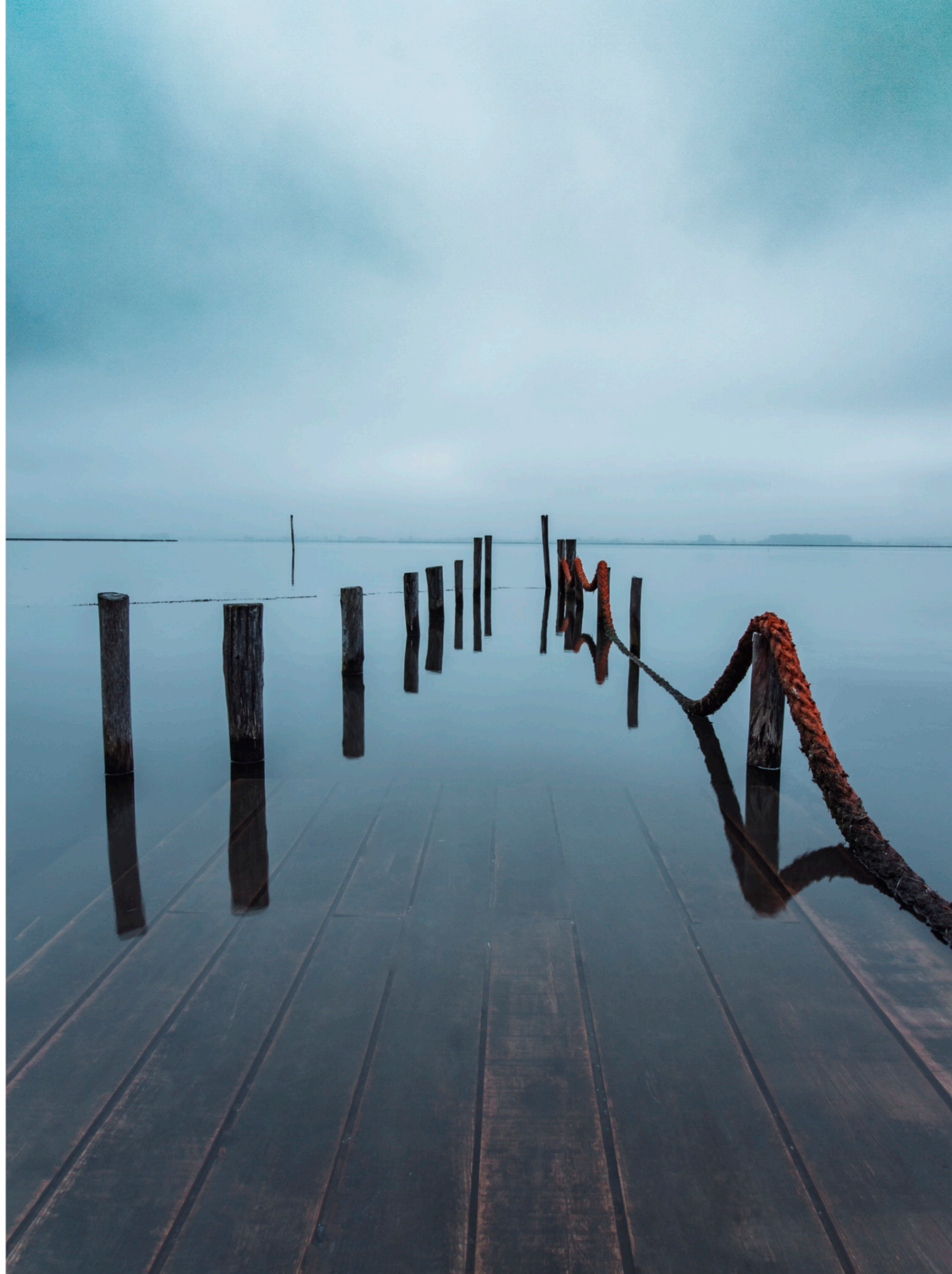
A última imagem foi, na verdade, a primeira que fiz e da qual fiquei orgulhosa. Foi realizada na Toscânia, numa viagem em 2016, em que eu ainda não tinha estudado fotografia de forma profissional, nem sabia ainda o que era um ficheiro RAW. Como estava num grupo de fotógrafos, todos a apontar para o mesmo ponto (neste caso, a capela), lembro-me de ter pensado: o que é que eu posso fazer de diferente aqui? O resultado foi esta imagem.

Arches National Park, EUA





Death Valley, EUA



Ria de Aveiro, Portugal



Lugares Sombrios Pelos Bosques de Sintra

Texto e fotografias por **Luís Jesus**.

Instagram: [@luisjesusphotography](https://www.instagram.com/luisjesusphotography)

Há muito que nutro um fascínio por Sintra, nomeadamente, pelos seus bosques místicos e luxuriantes. A proximidade com o oceano proporciona-lhe um microclima muito específico, onde a neblina e a humidade, vindas dos mar, se adensam com frequência, entrando pelas árvores. A paisagem de Sintra sempre foi associada ao Romantismo, mas aquilo que mais procuro, quando deambulo pelo seu interior, é aquele lado mais escuro e sombrio com que estes bosques tantas vezes nos presenteiam quando a neblina se instala nas copas das árvores e se entra lentamente, como uma aura obscura que se apodera da floresta e nos faz acreditar que um elfo pode aparecer a qualquer momento.

As quatro fotografias que aqui apresento, com elementos e formas tão irreais, envoltas em neblina, transporta-nos para um cenário onde o silêncio impera e ficamos a sós com os nossos pensamentos, de tal forma que nem os animais se ouvem.

Na primeira fotografia tentei evidenciar a árvore iluminada em segundo plano, uma vez que todo o cenário está escurecido pela neblina. Atrai-me este contraste entre a luz e o negrume do bosque. Na segunda, a luz que emana da direita entranha-se pelas árvores e penetra a neblina, fazendo com que as sombras se evidenciem. Depois, aqueles ramos verdes, a tombar de uma das árvores, são peça importante na composição. São o que resta, pois todas as restantes árvores tem os ramos desprovidos de vida. Na terceira imagem, a mais negra, quis evidenciar as duas árvores, no primeiro plano, com os seus ramos parecendo braços, com toda a envolvimento escura em seu redor, oferecendo uma enorme carga emocional. Por fim, na quarta fotografia, mostro, mais uma vez, as místicas árvores de ramos disformes e revestidas de musgo, em que alguns deles mais se assemelham a garras ou espinhos. A ténue neblina que atravessa o bosque e a luz, que vai iluminando de forma deficiente, dão-lhe uma atmosfera mágica.



Luís Jesus vive em Oeiras e as zonas serrana e costeira de Sintra-Cascais representam os locais de eleição onde gosta de desenvolver a sua fotografia. A Natureza sempre foi a essência principal da sua motivação fotográfica. Embora coloque, por vezes, elementos humanos nas suas imagens, a paisagem natural representa a paixão que o faz sair de casa. Fotografar é mais que um hobby, é uma terapia. O que procura, ao fotografar, é registar momentos que transmitam emoções a quem contempla as suas fotografias. Quando fotografa, não pensa na técnica, mas apenas nas emoções que pode transmitir. Trabalhar a luz e como esta interage com a natureza é um dos seus objetivos. Fotografa desde 2000 e atualmente ainda usa a sua “velhinha” Canon EOS 40D.









As Árvores em Mim

Texto e fotografias por **Vítor Santos**.

Instagram: **@vitor.pires.santos**

As primeiras memórias sobre fotografia estão relacionadas com uma máquina compacta de marca Agfa que pertencia ao meu pai, a máquina da família. Era miúdo, curioso, mas não tinha autorização para lhe tocar. Na adolescência, comecei a fazer as primeiras composições com as máquinas dos meus amigos. Em 2004 adquirei a primeira compacta digital, uma Nikon Coolpix 4200. Por último, em 2017, comprei uma dSLR (Nikon D5200) que atualmente me acompanha nos meus momentos de silêncio e liberdade criativa.

As férias, as viagens e os encontros familiares foram, inicialmente, o mote para utilizar a pequena câmara. Aos poucos, fui substituindo as coisas dos Homens pelas da Natureza. Hoje, um rio ou uma montanha, poderão facilmente ser o destino do meu olhar, mas uma árvore fará, certamente, parte de qualquer uma das minhas composições. O verde será predominante, quase obsessivo. E, assim, qualquer imagem procurará

representar o meu amor por uma árvore ou pela sua sombra, num verde intenso ou num que já o foi.

A escolha destas fotografias foi difícil. Foi um grande desafio ter de escolher apenas quatro, quando existem tantas que retratam momentos que me dizem muito. Assim sendo, as que aqui apresento são de quatro locais pelos quais sou apaixonado: o Parque Natural Sintra-Cascais, a Tapada Nacional de Mafra, a Mata Nacional do Camarido e a futura Paisagem Protegida Regional da Serra d'Arga.



Vítor Santos começou a sonhar com a regra dos terços em 2004, quando comprou a sua primeira câmara.

A paisagem e a natureza estão representadas em 90% das imagens que capta, sendo os bosques e as suas árvores a principal obsessão. O local onde mais tem fotografado é a Tapada Nacional de Mafra, onde encontra matéria prima, de sobra, para passar um dia inteiro à volta da sua arte. A fotografia apresenta-lhe, em primeiro lugar, uma desculpa para poder usufruir da natureza. Mas, ao mesmo tempo, interessa-lhe captar com arte um momento ou um sentimento, eternizando-o no tempo.

Usa uma Nikon D5200 e uma objetiva Nikkor 18-140mm.



Parque Natural Sintra-Cascais



Tapada Nacional de Mafra



Mata Nacional do Camarido, Caminha



Fator de Corte. A minha objetiva é uma 56 ou 85mm?

Fator de Corte.

A minha objetiva é uma 56 ou 85mm?

Texto por **Luís Afonso**.

“O quê?! Ainda há pouco me disseste que quanto maior o “f”, menor a abertura. Agora estás a dizer-me que a minha 18-55 afinal é uma 29-88? E eu ainda estou a pagar por esta formação?!?!”

A vida de formador de fotografia não é fácil. O jargão fotográfico está cheio de “inconsistências” e para quem está a começar esta maravilhosa viagem, escolher um lugar à janela pode ser mesmo complicado. O importante é mesmo tentar perceber o porquê das coisas.

Neste artigo, vai falar-se de objetivas, de ângulo de visão e de sensores.

Fator de Corte

Para começar, é importante percebermos que as câmaras digitais possuem sensores digitais de diferentes tamanhos. Por exemplo, a pequena Canon G9 X tem um sensor de $13,2 \times 8,8$ mm,

enquanto a sua irmã de entrada de gama no mundo dSLR (a EOS 2000D) tem um sensor com quase o triplo do tamanho: $22,3 \times 14,9$ mm. As chamadas *full-frame*, como a Canon EOS R5, têm um sensor digital do tamanho do “antigo” filme de 35mm, equivalente a 36×24 mm, ou seja, sensivelmente 1,6 vezes maior do que o sensor APS-C da 2000D.

Esta variação de formato é designada, na gíria, por fator de corte (em inglês: *crop factor*), sendo representada pela divisão entre o formato *full-frame* e o formato menor. Desta forma, se pretendermos calcular o fator de corte entre o sensor da Fujifilm X-T5 e da Canon EOS R5, podemos fazê-lo da seguinte forma, utilizando o teorema de Pitágoras para obter a diagonal do sensor:

Canon R5 / 35mm / Full-frame: $36^2 + 24^2 = 1872^2$, a diagonal é $\sqrt{1872} = 43,27$

Fujifilm X-T5 / APS-C: $23,5^2 + 15,6^2 = 795,61^2$, a diagonal é $\sqrt{795,61} = 28,21$

Fator de Corte: $43,27 \div 28,21 = 1,53$

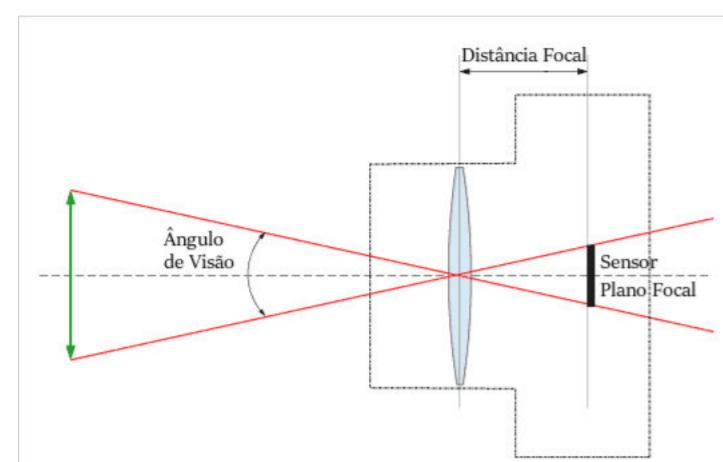
Como podemos ver, o fator de corte na Fujifilm X-T5 é de 1,53, geralmente arredondado para 1,5.

Distância Focal

Agora que já sabemos o que é o fator de corte e como se calcula, vamos ver que influência tem sobre as nossas objetivas. Para isso, precisamos de perceber o que é a distância focal.

A distância focal, em termos muito genéricos, representa a distância (em milímetros) entre o sensor digital e o centro óptico da nossa objetiva quando esta está focada para o infinito. Esta distância focal determina o ângulo de visão, pois representa a extensão angular da cena cap-

tada no sensor, medida na diagonal. Para perceber isto tudo, observe-se o esquema abaixo.

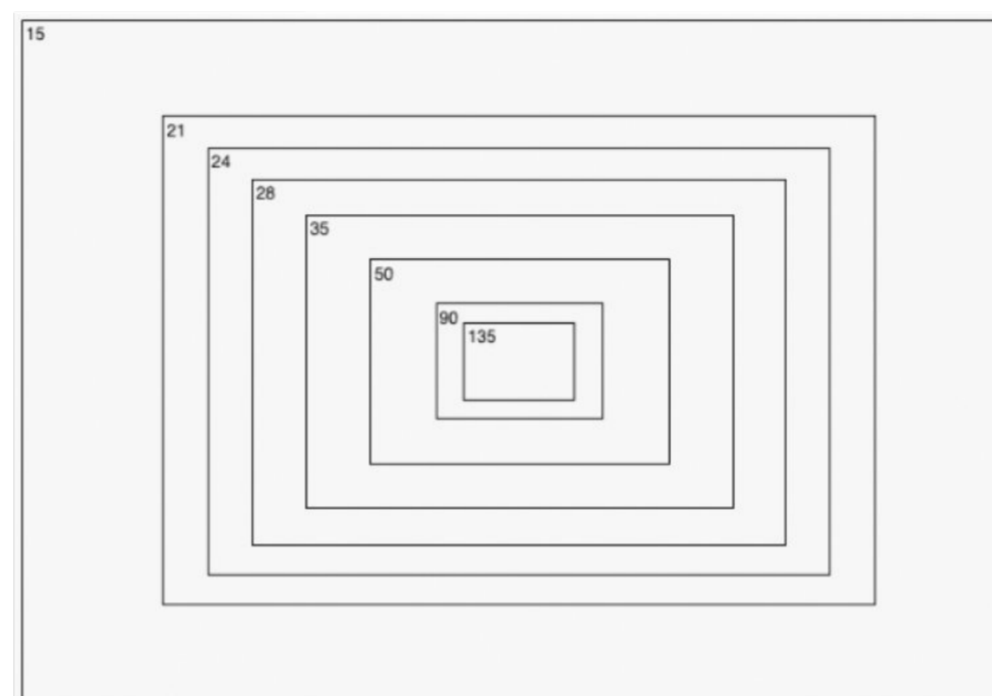


Relação entre distância focal e ângulo de visão.

A distância focal, como podemos observar no esquema, tem relação directa com o ângulo visual da cena a fotografar. Maiores distâncias focais correspondem a maior ampliação (ângulo de visão menor) e vice-versa. As objetivas grande angular, com distâncias focais curtas, têm uma ampliação reduzida. As teleobjetivas, com distâncias focais longas, dispõem de uma ampliação elevada, pelo que podemos preencher o fotograma com objetos que se encontram mais afastados da câmara. Em resumo, com uma grande angular de 16mm “vemos mais” do que com uma 50mm e muito mais do que se tivermos uma 200mm, em que apenas uma pequena parte da cena poderá ser capturada. Na grande angular “vemos mais”, na teleobjetiva vemos “o longe, mais perto”.

Aproveito ainda esta oportunidade para esclarecer que ao alterarmos a distância focal só estamos a alterar o ângulo de visão da cena que pretendemos retratar, não existindo qualquer efeito sobre a perspectiva. Costuma dizer-se que as teleobjetivas “comprimem” a perspectiva, mas isto não quer dizer que a mesma se altere quando, estando imóveis no mesmo local, alteramos

a distância focal. Alterar a distância focal apenas amplia ou reduz aquilo que vemos da mesma cena, como se estivessemos num tablet (iPad, por exemplo) a aumentar ou reduzir com gestos uma imagem já executada. Nada, em termos de perspectiva, se altera. Apenas vemos mais ou menos da mesma cena.



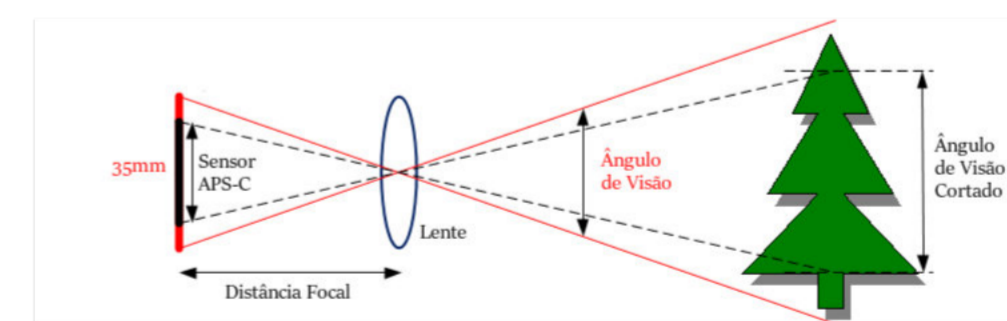
Zoom In: À medida que a distância focal aumenta, a porção da cena a retratar (e o ângulo de visão) diminui.

Fator de Corte vs Distância Focal

Entre-se, então, na parte confusa da questão. Por razões históricas, a distância focal inscrita nas objetivas que compramos diz respeito ao formato 35mm, o sistema de maior popularidade antes da chegada do digital. Quer isto dizer que o retângulo que serve de base à projecção do ângulo de visão tem exactamente 36x24mm. Na altura do 35mm, toda a gente sabia qual o ângulo de visão proporcionado por uma objetiva de 50mm (a que muitos assemelham ao campo de visão do olho humano) e era fácil, a partir daí, classificar as objetivas de acordo com a sua distância focal: grande angulares, standard, teleobjetivas, etc.

Devido ao elevado custo de produção e a algumas limitações técnicas, produzir sensores digitais do tamanho do formato 35mm revelou-se impraticável no início e as marcas optaram por equipar as suas câmaras com sensores de menor dimensão. Por forma a possibilitar uma transição entre o analógico e o digital que agradasse a todos e que não representasse uma rutura completa, os fabricantes decidiram manter os encaixes das objetivas, permitindo que quem já tivesse objetivas do mundo analógico as conseguisse utilizar nas novas câmaras digitais. Foi exactamente o que me aconteceu quando comprei a minha Canon EOS 300D em 2004, ficando feliz por poder usar as objetivas que tinha da minha EOS 500N.

O “problema” estava no sensor da 300D (APS-C) que era mais pequeno do que o tamanho do filme. Havia um fator de corte de 1,6, fazendo com que o ângulo de visão da fotografia registada fosse menor, conforme mostra a figura abaixo.



Como o ângulo de visão da cena retratada se altera quando, usando a mesma distância focal, se altera o tamanho do sensor.

O fator de corte dos sensores digitais mais pequenos que o *full-frame* (equivalente a 35mm) influencia o ângulo de visão da cena que pretendemos fotografar, comportando-se como se estivessemos a reduzir esse mesmo ângulo na medida exata desse fator de corte. Desta forma, ao usarmos uma objetiva de 50mm na Canon

EOS 300D iríamos obter um ângulo de visão equivalente a uma 80mm (50mm x 1,6) numa câmara analógica de 35mm. Basicamente, é como pegar numa tesoura e numa impressão a 36x24cm e começar a cortar a mesma de forma concêntrica até conseguirmos um retângulo com 22,7x15,1cm. Ou seja, estamos a deitar fora a área do círculo da objetiva que o sensor mais pequeno não consegue ver.

Para vos mostrar o que acabei de dizer fiz um exercício simples com a minha antiga Canon EOS 5D Mark III, com um sensor do tamanho do 35mm, e a 7D Mark II, com um sensor APS-C com um fator de corte de 1,6.

Utilizando a mesma objetiva (Canon EF 24-105mm f/4L IS USM), coloquei as câmaras no tripé e no mesmo local, alternadamente, e fiz uma mesma fotografia a 24mm com as mesmas definições de exposição.



Canon EOS 5D Mark III, objetiva EF 24-105 a 24mm

A imagem acima mostra o ângulo de visão conseguido por um sensor *full-frame*. De seguida, apresenta-se a visão obtida pelo sensor APS-C.



Canon EOS 7D Mark II, objetiva EF 24-105 a 24mm (clique para ver maior). Com o fator de corte de 1,6x, a imagem apresentada é a equivalente a uma distância focal de 38,4mm.

Podemos facilmente ver que a 5D “vê mais”, na mesma distância focal de 24mm, do que a 7D Mark II. Na realidade, a 7D vê uma área 1,6 vezes menor do que a 5D. Isto quer dizer que a objetiva 24-105mm na 7D Mark II é equivalente a uma 38,4-168mm. Ou seja, ao montarmos a mesma objetiva numa câmara com um sensor menor do que o 35mm estamos, automaticamente, a reduzir o ângulo de visão da cena a fotografar: a reduzir em 1,6x o fator de corte. Isto pode ser uma vantagem se quisermos chegar “mais longe”, mas uma desvantagem se quisermos mostrar mais de um cenário.

Conclusão

Agora que já se sabe como o fator de corte influencia o ângulo de visão das nossas objetivas, o que se deve ter em conta antes de ir às compras?

Se se tiver uma câmara *full-frame*, não há nada que enganar. Uma 50mm é uma 50mm e uma

24-105mm é isso mesmo. Se tivermos uma câmara equipada com um sensor mais pequeno que o 36x24mm, então temos de aplicar o fator de corte para perceber qual a distância focal equivalente para esse sensor. Os fatores de corte mais comuns são:

- 1,5x: Nikon DX (Z50); Sony A6600; Samsung NX1; Fuji X (X-T5, X-H2, X-Pro3)
- 1,6x: Canon APS-C (EOS R10, EOS R7)
- 2,0x: Micro 4/3 (Olympus OM-D; Panasonic DMC)

Mas através de uma procura na internet, é fácil descobrirmos o fator de corte das nossas câmaras.

Portanto, da próxima vez que for às compras e quiser comprar uma objetiva para retrato, por exemplo, lembre-se do fator de corte da sua máquina. Tendo em conta que a distância focal clássica para retrato é de 85mm, se calhar o que precisa de comprar, caso tenha uma Fujifilm da série X, é uma 85mm/1,5=56,7mm. E está com sorte, pois a marca japonesa tem à sua disposição a fantástica FUJINON XF56mm F1.2 R WR.

Tal como a Fujifilm, também os restantes fabricantes tiveram que se adaptar a esta realidade e lançaram várias objetivas para cobrir nos formatos “cortados” as distâncias clássicas do 35mm. Tenha apenas em atenção que, nalgumas marcas, essas objetivas só funcionam nos formatos “cortados” como é o caso das objetivas EF-S da Canon ou DC da Sigma.

Espero que tenha ficado mais clara esta questão do chamado *crop factor*, fator de conversão ou, corretamente, fator de corte e como isto influencia as nossas objetivas.

David Ward. Landscape Within.

Primeira edição: Reino Unido, 2004
Argentum (22,86 x 22,23 cm, capa mole)



“Parece-me que o coração da fotografia tem, talvez paradoxalmente, muito pouco a ver com câmaras e tecnologia”. ~ David Ward

Apaixonam-me pouco os livros puramente técnicos. Por outro lado, ensaios que tenham como objetivo deixar o leitor a pensar, constituem, para mim, portos de abrigo e jardins de revelação aos quais gosto de voltar vezes sem conta. É o caso de “Landscape Within”, de [David Ward](#), editado em 2004 pela Argentum. Já o li umas três ou quatro vezes e esta conversa convosco é apenas um pretexto para o voltar a reler.

Ward é um dos meus fotógrafos favoritos. Não só pela sua fotografia que tem um estilo muito próprio, ainda que, de quando em vez, se aproxime aos seus contemporâneos britânicos, tais como [Joe Cornish](#) ou [Colin Prior](#), mas também pelas suas ideias e a forma como, inteligentemente, as coloca em palavras. Posto isto, é fácil adivinhar que este livro não é um manual de in-

trodução à fotografia, nem sequer de fotografia de paisagem natural. Também não é um livro cheio de dicas para ensinar a tornar as nossas fotografias nas melhores do mundo, livros que estão agora muito na moda nas cabeças dos editores e nas prateleiras das livrarias. Não, este não é um daqueles livros práticos que lemos uma vez e descobrimos que de verdadeiramente práticos têm muito pouco, pela simples razão que, hoje em dia, ninguém anda com livros de baixo do braço quando sai para fotografar... Este é assumidamente um livro de “porquê” e não um livro de “como”.

Ao longo de pouco mais de uma centena de páginas, Ward não só nos presenteia com algumas das suas mais belas imagens, como levanta questões que devem preocupar qualquer fotógrafo que, após dominar a técnica, chega a uma fase da sua vida em que precisa de direções, de fazer escolhas e, principalmente, de ser colocado cara-a-cara com a pergunta “o que é que queres que a tua fotografia seja”. Os que de nós levam esta paixão um pouco mais a sério são, necessariamente, uns eternos insatisfeitos. As fotografias nunca estão boas, nunca sabemos como os outros as conseguem fazer, nunca estamos satisfeitos com o resultado das nossas sessões. Muitas vezes, quem paga é a carteira, porque se pensa que o que precisamos é de mais material, de melhor material ou, simplesmente, de material igual ao do fotógrafo que gostaríamos de ser. Eu, por outro lado, partilho da opinião de Ward e acho que a fotografia tem muito pouco a ver com o material. A câmara é apenas

uma ferramenta ao serviço da minha visão, da minha sensibilidade e, no fim de tudo, da minha paixão.

Para que esta revelação seja assumida por nós, é preciso parar e perceber para onde se quer ir, o que pretendemos que a nossa fotografia seja (seja esse desígnio grande ou pequeno) e que sentimento sonhamos inspirar nos outros (depois de nos tocar a nós próprios).

É precisamente nesse caminho que Ward pretende encarregar as suas palavras no intuito de nos incitar a percorrê-lo. A poucas páginas do início do livro escreve ele:

“Na fotografia, o que precisa de cultivar em primeiro lugar e acima de tudo é a sua visão; precisa praticar como observar de forma verdadeira e não apenas olhar superficialmente à sua volta. É preciso concentração total nas suas redondezas”.

Através de parágrafos mais ou menos filosóficos, carregados de uma astúcia refinada e nunca pastosa, David vai abrindo os nossos olhos para uma outra forma de ver a fotografia e principalmente, a nossa fotografia. É, portanto, um livro fundamental, não só para quem gosta de fotografia de paisagem natural, mas para qualquer interessado na arte fotográfica como um meio de expressão pessoal.

O livro está dividido em seis capítulos distintos que têm em comum a matriz filosófica que já apresentei. O primeiro, apresenta uma reflexão muito interessante sobre fotografia e realidade, enquanto o segundo pretende mostrar como o tempo é tão importante para a fotografia, como para o ato de a fazer. O terceiro capítulo faz um

estudo sobre diferentes abordagens à fotografia de paisagem. Os capítulos quatro e seis apresentam, de forma eloquente, conceitos ligados à criatividade e percepção (talvez a secção mais filosófica). Por fim, o quinto capítulo fala um pouco da própria experiência de David Ward e como da teoria se chega à prática.

Em jeito de resumo, e para os que quiserem ler apenas este parágrafo, há que deixar bem claro que isto não é um livro leve e superficial. Não é um livro para se ler uma vez nas férias de verão, nem tão pouco para se ir lendo cinco minutos de cada vez a caminho do trabalho. Este é um livro que merece horário nobre! É um condensado de ideias e filosofia, literatura e história da arte e, principalmente, de fotografia no mais íntimo do seu ser. E é um livro que o vai deixar a pensar. Muito. Pode até correr o risco de, no fim do livro, decidir que nunca mais quer pegar numa câmara de novo. Mas a minha melhor aposta é que a sua fotografia nunca mais vai ser a mesma. E pela razão certa!

Nota: O livro está infelizmente esgotado há vários anos. Penso que está na calha um *eBook* atualizado, pois é essa a mensagem do David cada vez que lhe perguntam sobre o livro. Mas para os que querem folheá-lo – o que aconselho vivamente – procurem na internet nos sites de livros em segunda mão (amazon.es e AbeBooks, por exemplo).

Pág. inicial desta secção:

© David Ward. *Poverty Flats*

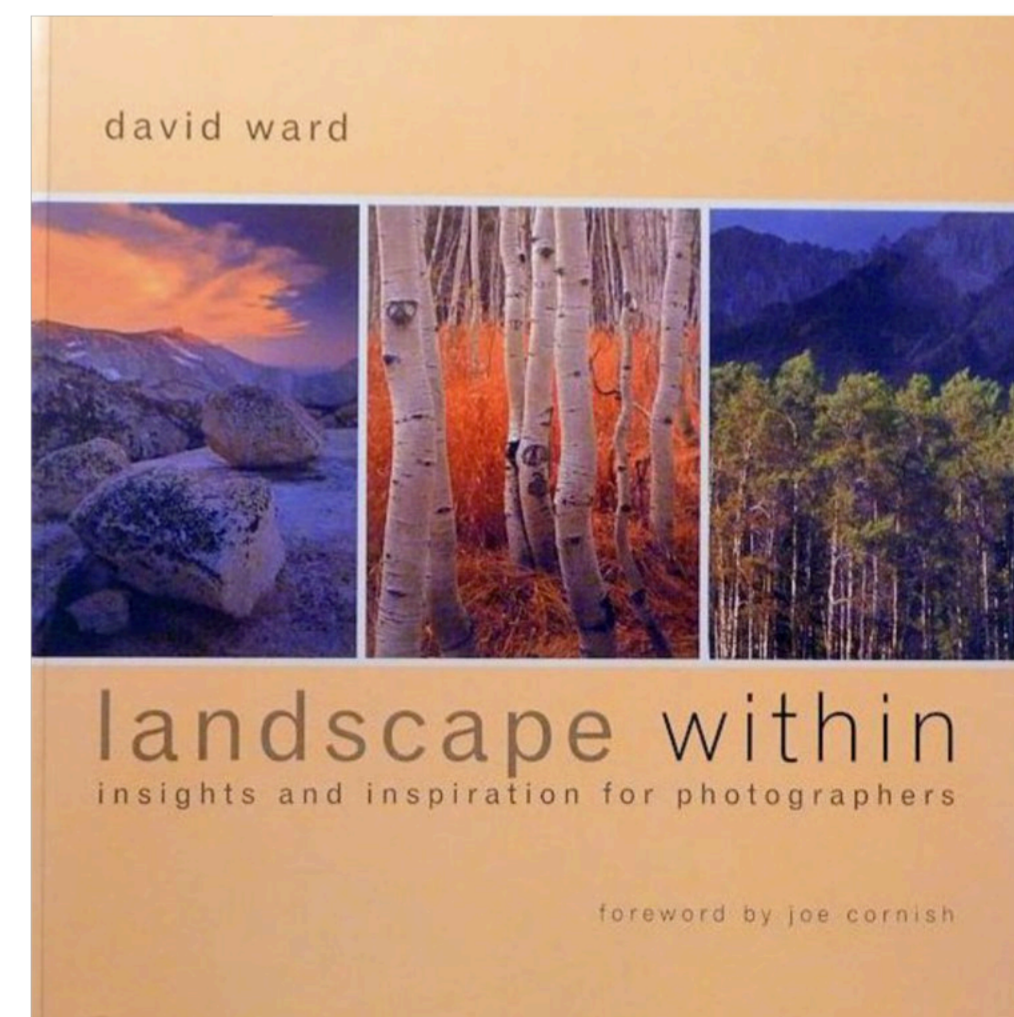
Vermilion Cliffs National Monument, Arizona, EUA

Abaixo:

Capa da edição publicada em 2004 no Reino Unido.

Capa mole, 128 páginas, 22,86 x 22,23 cm

ISBN-13: 978-1902538341



Bloco de Notas.

WORKSHOPS & PASSEIOS

O calendário de workshops, para o primeiro semestre de 2023, já está disponível no site da [Primeira Luz](#). Vai voltar o **workshop de composição**, tão bem recebido o ano passado, e há uma novidade para os que quiserem vir fotografar orquídeas comigo: um workshop de **Macro - Flora Criativa**.

O **Curso de Projeto Fotográfico** continua e os dez magníficos preparam-se para a primeira apresentação dos seus trabalhos. Mais novidades para breve.

A quarta edição do meu workshop/retiro “**Paisagens Interiores**”, a ter lugar em Manteigas, está marcado para os dias 22 a 25 de abril. Mais informações em breve no vosso email.

AGENDA

A 7 de janeiro, a minha exposição “**Casa: Abraçando a Nossa Natureza**” vai ser inaugurada na Galeria Municipal do Entroncamento, pelas 17h. Para os que estiverem perto e ainda não conseguiram ver a exposição têm uma nova oportunidade. O horário de funcionamento da galeria é de terça a sexta-feira, das 14h00 às 18h00 e sábados das 10h00 às 13h00 e das 14h00 às 18h00. Estará patente até dia 19 de janeiro.

LIVRO

O meu livro “**Aire e Candeeiros: Campo de Orquídeas Silvestres**” está disponível na loja do meu site, em modo pré-reserva. Tem data de lançamento marcada para fevereiro de 2023. Até lá, está com um preço promocional e os portes de envio serão por minha conta.

THE PRINT CIRCLE

O projeto de troca de fotografia impressa entre fotógrafos portugueses está um pouco parado. Já há algum tempo que não há fotografias novas na coleção.

Como funciona? Em termos simples, um fotógrafo coloca uma fotografia na coleção do projeto e recebe uma impressão em troca. Se ainda não conhecem e querem saber como tudo funciona, vão a [printcircle.pt](#). Em alternativa, podem sempre enviar-me um email ou ligar.

A coleção do Print Circle é para todos os que gostam de ter fotografia em casa. Há fotografias para todos os gostos e todos os estilos são aceites. É uma ótima forma de começarmos a colecionar fotografia dos nossos autores favoritos e sem a necessidade de ter uma impressora. Eu já tenho várias na minha coleção.

Venham de lá essas participações.

PERSPETIVA.

Fotografia. Arte. Natureza.